



PENTAGRAMA

Revista Bimestral do LECTORIUM ROSICRUCIANUM *2005 número 5*

A LIBERDADE DO PLANO DE DEUS



A LIBERDADE
DO PLANO DE DEUS

TUDO É
INFORMAÇÃO

A PRISÃO DOS
SENTIDOS

CONHECER DEUS NO
ÂMAGO DAS COISAS

COM A MEDIDA
COM QUE MEDIS

O INSTANTE DA INTUIÇÃO

O ESPÍRITO QUE É
PURO AMOR

CRER ANTES DE VER

A VISÃO DA ALMA

PENTAGRAMA

A LIBERDADE DO PLANO DE DEUS

E havia no paraíso apenas uma árvore,
a árvore da vida, e deus, o deus do campo
de vida terrestre, proibiu o homem
de comer dessa árvore.



ÍNDICE

- 2 A LIBERDADE DO PLANO DE DEUS
- 6 TUDO É INFORMAÇÃO
- 11 A PRISÃO DOS SENTIDOS
- 14 CONHECER DEUS NO ÂMAGO DAS COISAS
- 19 COM A MEDIDA COM QUE MEDIS
- 25 O INSTANTE DA INTUIÇÃO
- 28 O ESPÍRITO QUE É PURO AMOR
- 30 CRER ANTES DE VER
- 36 A VISÃO DA ALMA

ANO 27
NÚMERO 5



A LIBERDADE DO PLANO DE DEUS

Não é raro que evangelhos, cuja existência já se conhecia de outras fontes, sejam agora redescobertos e publicados. Pensamos aqui no Evangelho de Tomé e no recém-descoberto Evangelho de Judas. Com isso é possível uma abordagem totalmente diferente de numerosos textos bíblicos. No Evangelho de Judas, vemos a figura deste último sob uma luz completamente diferente: em vez de um traidor, ele se apresenta como um homem pleno de devotamento.

J. van Rijckenborgh e C. de Petri frequentemente chamaram nossa atenção para o fato de que os textos bíblicos, tal como os conhecemos, são “partes” de um conjunto maior de escritos que, no decurso dos quatro primeiros séculos da era cristã, sofreram muitas modificações. No livro do Gênese, escreve J. van Rijckenborgh, tratava-se tão-somente de uma árvore, a árvore da vida. Portanto, não havia uma segunda árvore, a árvore do conhecimento do bem e do mal, posteriormente acrescentada à lenda. No texto original, o deus do campo de vida terrestre diz ao homem, indicando a árvore da vida: “Destá árvore tu não comerás”. Havia, portanto, apenas uma árvore no meio do paraíso, a árvore da vida, e Deus proibira o homem de comer dela.

Com isto, o texto original adquire um outro sentido, muito mais simples e muito mais claro. J. van Rijckenborgh explica que é o deus do campo de vida terrestre que quer proibir o homem de abandonar seu campo de vida. Felizmente, Eva, símbolo da faculdade imaginativa humana, está presente, e é ela quem compreende o que diz a serpente. A serpente é um símbolo para o fogo serpentino, a força etérica divina, original. E Eva induz o homem a comer dessa árvore!

Se suprimirmos as palavras que fazem referência à árvore do conhecimento do bem e do mal no livro da Gênese, obteremos o seguinte texto: *Então plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda árvore agradável à vista e boa para comida, e a árvore da vida no meio do jardim (...).* Ora, a serpente era mais astuta que toda a alimária do campo que o

Senhor Deus tinha feito. E ela disse à mulher: ‘É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?’ E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele. (...) Então, a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis, mas... no dia em que comerdes desse fruto, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus. E, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, (...) tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele também comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos (...).

[Gênese 2:8-9 e 3:1-7]

O significado do relato se torna agora completamente diferente: existe uma força antagônica que tenta deliberadamente prender o homem a seu campo de vida e quer impedi-lo de comer do fruto da árvore da vida. Visto dessa forma, compreendemos que aquele que deseja trilhar a senda da renovação da alma sempre experimentará um momento de crise.

Para todo buscador chega um momento em que ele estende sua mão para a árvore da vida, mas ele é como que repellido pelo deus deste mundo, que lhe diz: “Destá árvore não comerás”. Isto, naturalmente, não deve ser tomado ao pé da letra; trata-se aqui de uma concentração de forças que corresponde à personalidade que se origina do campo de vida terrestre. Em outras palavras: chega o momento em que o buscador se torna seu próprio adversário. Tão logo aspiremos à renovação da alma, defrontamo-nos com as forças plasmadoras que assimilamos, das quais procedemos e que nos mantêm vivos. Esse confronto,

A figueira selvagem, símbolo egípcio da árvore da vida, mergulha suas raízes nas misteriosas profundezas da terra, de onde sobe a seiva da vida, pelo tronco, até o cimo, onde a deusa dessa árvore cósmica acolhe aqueles que morreram oferecendo-lhes o elixir celeste da imortalidade. Pintura mural do túmulo de Paneshy. Tebas – Séculos XIV-XVII a.C.

como é natural, nos pega de improviso, pois ele sempre acontece de modo totalmente diverso daquele que imaginávamos.

A LIGAÇÃO FUNDAMENTAL

Em *O Nuctemeron de Apolônio de Tiana*, capítulo 3, J. van Rijckenborgh escreve a respeito de Cérbero, o cão da mitologia grega que guarda a entrada do reino das sombras. Geralmente Cérbero é representado como um monstro. Contudo, apenas uma parte de Cérbero é “monstruosa”, ou seja, aquela parte que é o reflexo do medo. O medo pode assumir formas monstruosas e tornar-se um inimigo importante. A outra parte, o segundo aspecto de Cérbero, é invisível e, por conseguinte, muito mais difícil de avaliar. Nós não o percebemos porque ele está em perfeita concordância com nossa personalidade: trata-se de nossa ligação com o campo de vida terrestre, ligação esta tão evidente que não a experimentamos como tal, pois forma o fundamento de nossa personalidade. A essa ligação J. van Rijckenborgh dá o nome de *dogma*.

Ao ingressarmos na Escola da Rosacruz Áurea, fazemos uma certa idéia de sua meta, bem como de nossa ligação com ela. Continuamente temos diante dos olhos a imagem de nossas *possibilidades* e *obstáculos* no caminho. Contudo, a experiência nos ensina que, embora tenhamos a possibilidade de rever nossas idéias com certa regularidade, pelo menos existe uma que nunca se deixa ajustar: a idéia central a respeito de nós mesmos e da condição humana em geral. Essa idéia é um ponto fixo, intocado, o núcleo em torno da qual se desenvolvem nossas outras idéias. Uma pequena introspecção no-lo confirmará.

Essa imagem-pensamento central, que J. van Rijckenborgh chama de *dogma*, é a imagem que fazemos de nós mesmos e daquilo que gostaríamos de nos tornar. Ora, essa imagem, esse dogma, é representada de modo profundo por Cérbero.

PASSAR POR CÉRBERO

Chamamos passar por Cérbero ingressar na liberdade. Ou, dito de outro modo, abrir-se à inspiração divina. Eva, que podemos ver como a representação simbólica da alma que fala em nós, estimula-nos a voltarmos para a árvore da vida, a dispensadora de forças que não são deste mundo, o chamado que nos liberta. É desnecessário dizer que a liberdade que visamos não é obviamente a liberdade da personalidade para fazer tudo o que lhe aprouver. A verdadeira liberdade espiritual somente pode ser alcançada com o despertar do homem original microcósmico adormecido em nós.

O buscador agora se engaja nesse processo de libertação e persevera, rejeitando cada imagem imposta por seu estado natural anterior. Num dado momento, ele passa por Cérbero e se vê diante de um mistério. Tendo chegado a um certo grau de purificação do fogo serpentino, ele logra uma certa impressão da Unidade universal na qual jaz adormecido o arquétipo do homem original, microcósmico. Não se trata de um encontro nem de uma posse pessoal, mas de um saber simples e certo de que em cada ser humano existe um templo original inviolado, um templo simbólico, que é parte integrante do plano de construção universal com o qual também temos a possibilidade de colaborar.



UM NOVO CORPO ETÉRICO

De acordo com o ensinamento da Escola Espiritual, a flama astral que arde na medula espinal é envolvida por uma concentração de éteres cuja natureza é determinada pela natureza da flama astral. À medida que esses éteres vão sendo purificados, a veste etérica também se torna cada vez mais pura, resultando daí uma veste etérica que se constituirá num novo corpo etérico, o corpo-alma.

Em *O chamado da Fraternidade Rosacruz* é relatado que os irmãos da Rosacruz encontraram um grande prego fixado na parede. Ao tentarem extraí-lo, ele trouxe consigo uma parte bastante grande do revestimento da parede, revelando, assim, a entrada do templo-sepulcro de Cristiano Rosacruz. Esse prego, descoberto por “acaso”, pode ser visto como um ponto de ligação do corpo-alma com a velha natureza. De fato, o relato testemunha o modo como, em dado momento, a nova alma, o corpo-alma, se

liberta da antiga natureza. E o relato vai ainda mais além: quando os irmãos da Rosacruz adentram o templo-sepulcro de Cristiano Rosacruz, eles avistam um altar circular onde estavam gravadas quatro sentenças:

Não há espaço vazio

O jugo da lei

A liberdade do Evangelho

A glória de Deus é intangível.

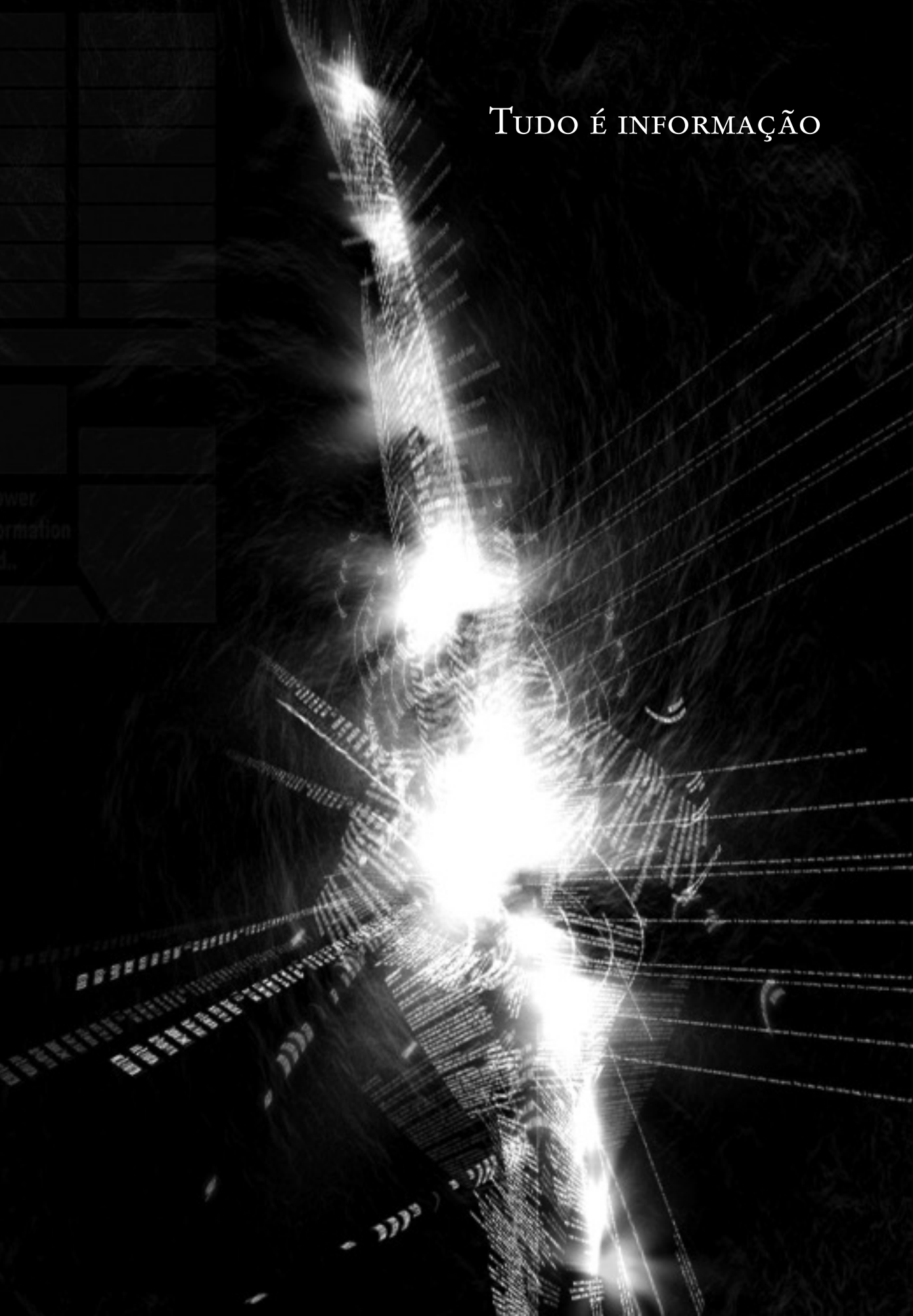
Existe um plano grandioso, poderoso e infinito, que os rosacruzes denominam *Liberdade do Evangelho*. Esse plano vibra no éter do mundo e irradia sobre nós. Somos chamados a nos tornar co-construtores desse plano, a nos colocarmos a seu serviço e fazermos o que for necessário. Aquele que passa do *dogma* à liberdade do plano de Deus o demonstra claramente mediante seu comportamento e seus atos. Ele testemunha, assim, a glória da divina perfeição.

FONTE:

A idéia que está por trás da criação. Publicação de Jan van Rijckenborgh, Haarlem, sem data.

Cérbero, o cão dos infernos da mitologia grega, mostrava-se afável para todos os que chegavam ao reino das sombras, mas temível e agressivo para quem desejasse sair dele. Só o divino Orfeu e Hércules conseguiram passar por ele, um graças à sua música encantadora, e o outro neutralizando o cão no decorrer do último de seus doze trabalhos.

TUDO É INFORMAÇÃO



Power
Information
Data

É interessante ver como as teorias aparentemente bastante diferentes confirmam umas às outras. Tomemos, por exemplo, as abordagens mais ou menos científicas do nosso mundo. Alguns dizem: “Tudo é matéria”, enquanto outros dizem: “Tudo é vibração”, ou ainda: “Tudo é energia”.

Existem, ainda, outras teorias do “tudo é...”, porém as que acabamos de mencionar têm em comum uma abordagem científica. Há pouco tempo, veio se juntar a elas uma nova teoria: “Tudo é informação”. O que torna interessante a série que acabamos de citar, não só porque vivemos atualmente numa era de informação, mas também porque podemos ver aí uma analogia com uma idéia profundamente religiosa, centrada no cristianismo original. Existe apenas uma curta distância entre “tudo é vibração” e o Verbo do princípio, portanto o Pai; entre “tudo é energia” e a Força do Filho; entre “tudo é informação” e o Conhecimento do Espírito. Ao “tudo é matéria” associa-se a matéria primordial da qual tudo foi formado.

A TEORIA

À luz dessas analogias, o “tudo é informação” merece um estudo mais aprofundado. Esta teoria se apóia na idéia de que na base de tudo o que existe há uma *informação abstrata* capaz de expressar-se em um número infinito de formas e que quer ser conhecida. Com esta finalidade, ela deve se transformar: ela se condensa até o estado que chamamos de “probabilidades”. O número infinito de formas torna-se realmente finito, mas permanece ainda considerável.

O processo de transformação prossegue, e das muitas probabilidades

surge um pequeno número de “virtualidades” que se condensam ainda mais até o que chamamos de verdadeira realidade. A esse movimento, que vai da pura informação à realidade, damos o nome de “vida”. Sempre segundo essa teoria, quando, no campo do real, a transformação da pura informação já não acontece, essa realidade deixa de existir, o que significa a morte.

OS DOIS MOVIMENTOS

A teoria silencia sobre o fato de que, para ser conhecida, a informação deve ser captada por uma consciência capaz de apreendê-la e de se desenvolver. Esse desenvolvimento da consciência pela assimilação da informação é um segundo movimento, que se realiza em sentido oposto ao da condensação da informação. Esse é um movimento que, com relação ao processo de transformação de condensação de informação, vai em direção totalmente oposta. O primeiro movimento, o de cima para baixo, vem a nós do futuro e, poderíamos dizer, de um espaço vazio, tal como ele é representado *antes* de toda criação. O movimento de desenvolvimento da consciência é precisamente o inverso: é um movimento de baixo para cima, partindo do passado e de um espaço pleno de matéria, a Natureza, sempre em direção, assim o esperamos, de mais informação.

Como seres humanos, inclinamo-

nos a considerar esses dois movimentos como sendo “a vida”. Por conseguinte, não podemos considerar o real como algo morto. Acrescentemos a isto o fato de conhecermos muito pouco o primeiro movimento.

A CORRENTE DE INFORMAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O que comumente entendemos por “informação” é o oposto daquilo que a teoria acima propõe. Para nós, a informação é uma descrição tão exata quanto possível daquilo que constatamos na realidade, um conjunto de dados e de fatos que chegam à nossa consciência por diversos meios: livros, jornais, revistas, televisão e Internet. Porém, na maior parte das vezes, eles descrevem apenas uma fração da realidade que percebemos. A maior parte de nossas previsões não passa de extrapolações provenientes do passado. Nosso ponto de orientação encontra-se, portanto, no passado, naquilo que podemos chamar de espaço (pré)enchido. Voltamo-nos para a informação que nos diz algo sobre o que foi e como foi, portanto no sentido inverso da teoria descrita, na qual o ponto de orientação reside na vacuidade onde a informação determina o que é suscetível de se produzir e cria uma realidade específica.

Nossa consciência é uma consciência de experiência. Ela se baseia em como observamos a realidade no passado e em como ainda o fazemos. Ela utiliza a ação conjunta dos sentidos de observação, da sensibilidade e do entendimento que influenciam um ao outro grandemente e se harmonizam inteiramente. Estes são, em suma, os “instrumentos” que permitem o início do processo de informação na

realidade, no espaço físico ao invés de no vazio, o espaço no qual o Espírito pode se manifestar. O movimento dessa corrente de informação provém, portanto, do passado para o agora, de baixo para cima, e é, portanto, contrária ao movimento “original”. Esse movimento de informação coincide com o movimento de desenvolvimento da consciência de experiência, desenvolvimento esse que podemos imaginar como sendo determinado e limitado.

A fim de prevenir qualquer confusão, fazemos notar que a informação em sua forma pura e abstrata, isto é, o “espírito”, não pode ser conhecida pela consciência de experiência, pois o instrumentário, o homem e sua personalidade, não está apto para isso. Ele está sintonizado com o passado, o que o torna uma criatura cheia de contradições. Ele deseja viver, desenvolver-se e crescer interiormente: esta é a sua principal motivação; mas, ao mesmo tempo, ele deseja conservar as coisas assim como são e como sempre foram, amplificando-as eventualmente, mas sem nenhuma mudança substancial. Ora, somente uma mudança radical na orientação da consciência pode abrir o caminho para *a vida!*

Felizmente, nem sempre o movimento original nos passa desapercibido. De vez em quando, muito de vez em quando, libertamo-nos da “corrente de informação” da experiência e nem mesmo queremos ouvi-la. Quando recusamo-nos a aceitar a idéia de que os sentimentos que “experimentamos” são tudo, pode acontecer, numa fração de segundo, de entrarmos em contato com o espírito – a informação original! Um raio da consciência original nos toca, o qual podemos, então, traduzir em

nossa própria linguagem e com nossas próprias imagens.

A faculdade de traduzir em palavras e imagens o conhecimento vivente ou informação original é uma importante qualidade da consciência. Por isso, a informação recebida adquire um sentido. Contudo, as palavras e as imagens emergem na trama da história, tanto na de nossa cultura como na de nossas experiências pessoais. E, enquanto recebemos a nova informação mediante os impulsos do espírito, estamos sujeitos às nossas percepções, sentimentos, entendimento e ao nosso passado, porque foi com base nele que tudo foi construído. É um círculo vicioso: interpretamos o presente com base em um antigo modo de ver, e anexamos esse “agora” à história. E nossas percepções ratificam a legitimidade deste modo de assimilação.

Assim, compreendemos por que, do ponto de vista da pesquisa espiritual, seja sempre recomendado: “Vivei no PRESENTE”, “abandonai o passado”, “fazei o bem sem ver a quem”. Exortações absolutamente corretas em sua essência, mas que somente podem penetrar-nos se tivermos consciência dos dois movimentos inversos de informação que devemos conhecer. Mas então surge a pergunta: “Como podemos aqui fazer uma escolha na *prática*”?

A teoria “Tudo é informação” trata de uma condensação, de uma transformação da pura abstração em probabilidade, depois em potencialidade e em seguida em realidade. Embora ela nada diga sobre a passagem à realidade, nem do papel que os sentidos representam, ela nos parece interessante.

Em momentos de perigo extremo, sabemos que a consciência funciona

de modo diferente. Todo o sistema fica em alerta e a vigilância aumenta; sentimos as “coisas” chegarem antes mesmo que aconteçam. Encontramos, então, no presente, prontos para reagir. Nesse instante estamos quase que inteiramente livres do passado.

No processo de transformação, a passagem da potencialidade à realidade vai um passo além: estamos apartados do passado, mas nossos sentimentos se voltam para o “futuro”, para o que vai acontecer.

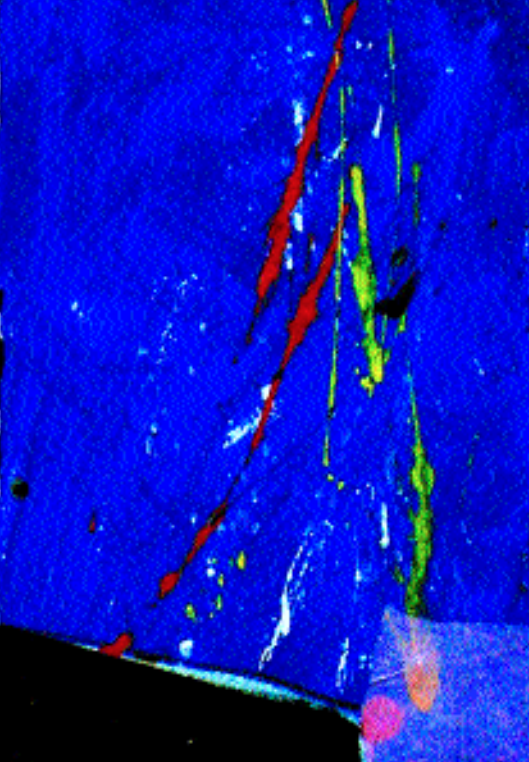
Já não observamos o que é, mas aquilo que vai se revelar. Damos sentido ao que está quase presente, fazendo, assim, o *virtual* passar para o domínio do real. Criamos assim nossa própria realidade. Invertemos, por assim dizer, a direção de nossas faculdades sensoriais: em vez de observar a realidade (do passado), comprovamos uma potencialidade. Em vez de ligar o presente ao passado, nós o associamos ao futuro.

Com uma consciência inteiramente ancorada no passado nos é difícil descrever o processo e é impossível realizá-lo. Mas, para uma consciência que se abre para o espírito, para a corrente vivente de informação portadora da liberdade interior, o “presente vivente” oferece sempre maiores possibilidades de um retorno ao equilíbrio do campo de vida original.



politie
Olie als
de oude
oerderij

LO
60



vakantievondsch
E ALLEEN LOOPT
MAKT DE WEG KWIJT



A PRISÃO DOS SENTIDOS

Neste mundo utilizamos nossas faculdades sensoriais para conhecer, conceber e interpretar a realidade que nos cerca, nossas necessidades e nossos desejos. Nossos sentidos orientam nossa atenção para o exterior, mas não se trata de uma circulação em sentido único: de nossos olhos irradia o estado de nossa alma; em nossa voz ressoa aquilo que vive nas profundezas de nosso ser, sem que tenhamos disso a menor consciência.

Desde muito jovem, a criança desenvolve sua personalidade graças a seus sentidos. Pelas impressões que recebe, ela forja uma imagem do mundo que fundamenta sua individualidade.

O primeiro sentido é o ouvido, cujo germe foi depositado em nós por ocasião da primeira das quatro rondas do período de Saturno¹. Eis por que, de todos os sentidos, ele é o que menos está sujeito às ilusões. As percepções auditivas são, entre todas, as mais puras, ou poderíamos dizer as menos *impuras*. Elas não somente são as primeiras a se formarem, mas permanecem em atividade por mais tempo, como nos casos de pessoas que, mergulhadas num coma, reagem à voz e, uma vez tendo voltado do coma, podem relatar o que ouviram, ou aquilo que foi dito durante uma operação.

Por volta dos trinta anos, ou mesmo mais cedo nos dias atuais, termi-

na a formação dos órgãos de percepção e a pessoa se torna “adulta”. O ser humano acumulou tantas experiências sensoriais que o capacitam a discernir e tomar decisões com relação à orientação de sua vida. Seria magnífico se a totalidade das experiências sensoriais permitisse ao jovem adulto fazer escolhas deliberadas sem que ele se tornasse vítima das influências externas e compreendesse que aquilo que busca e deseja, ainda que de forma obscura, não se encontra nesta ordem de realidade. Que ele sentisse, enfim, que o clamor do mundo ameaça sufocar o sussurro interior.

Infelizmente, isso nem sempre acontece. As impressões são tão fortes e os derivativos tão grandes que muitos anos podem passar, até mesmo uma vida inteira, antes que a pessoa tenha acumulado bastante experiência e impressões, antes de tornar-se consciente da miragem que o mundo das impressões sensíveis constitui.

Mas isso não quer dizer que semelhante tomada de consciência engendre de imediato uma situação ideal. As impressões sensíveis continuam a afluir. Todo o nosso ser está submerso por um fluxo ininterrupto de percepções. Os sentidos nos ligam ao campo astral terrestre, o qual encontra-se submetido a uma poluição cada vez maior, inspirando à humanidade desejos que a arrastam a uma inquietude degenerescente. Essa po-

luição tem conseqüências mais graves que a poluição ambiental, e torna-se vital forjar um escudo protetor. Porém, não é possível proteger-nos de modo completo e durável por meio da personalidade.

OUVIR VERDADEIRAMENTE

O sentido do ouvido não se limita à audição de sons articulados e de palavras. O universo dialético é feito de vibrações audíveis que não se harmonizam com as vibrações da divina harmonia das esferas. Pelo contrário, o clamor selvagem deste mundo perturba a harmonia original. Disso tudo resulta uma cacofonia terrível.

Em meio a uma desordem ensurdecadora, o homem tenta abrir-se à voz interior, a voz do enviado da ordem original divina. Consciente dessa incoerência, consciente de sua própria falta, ele aspira a ouvir e compreender verdadeiramente.

*Meu Deus, é o semblante sombrio de minha vida terrestre que sempre me impede de Te ver. Eu Te invoco sem Te encontrar. Tu me chamas e eu não Te ouço.*²

Como personalidade nascida da matéria, o homem não consegue sair da prisão dos sentidos por seus próprios meios. Ele necessita de um auxílio, de um auxílio que não procede deste mundo. O eu é impotente para libertar a si mesmo. Quando ele chega à saturação das experiências, uma calma interior se instala, um silêncio que o ruído exterior não perturba. Então, surge a pergunta, clara e torturante: “E agora?” Como um suspiro que ascende do coração, uma vibração sem precedente se faz sentir, trazendo consigo uma resposta. Sur-

ge, então, um espaço para o “totalmente Outro”.

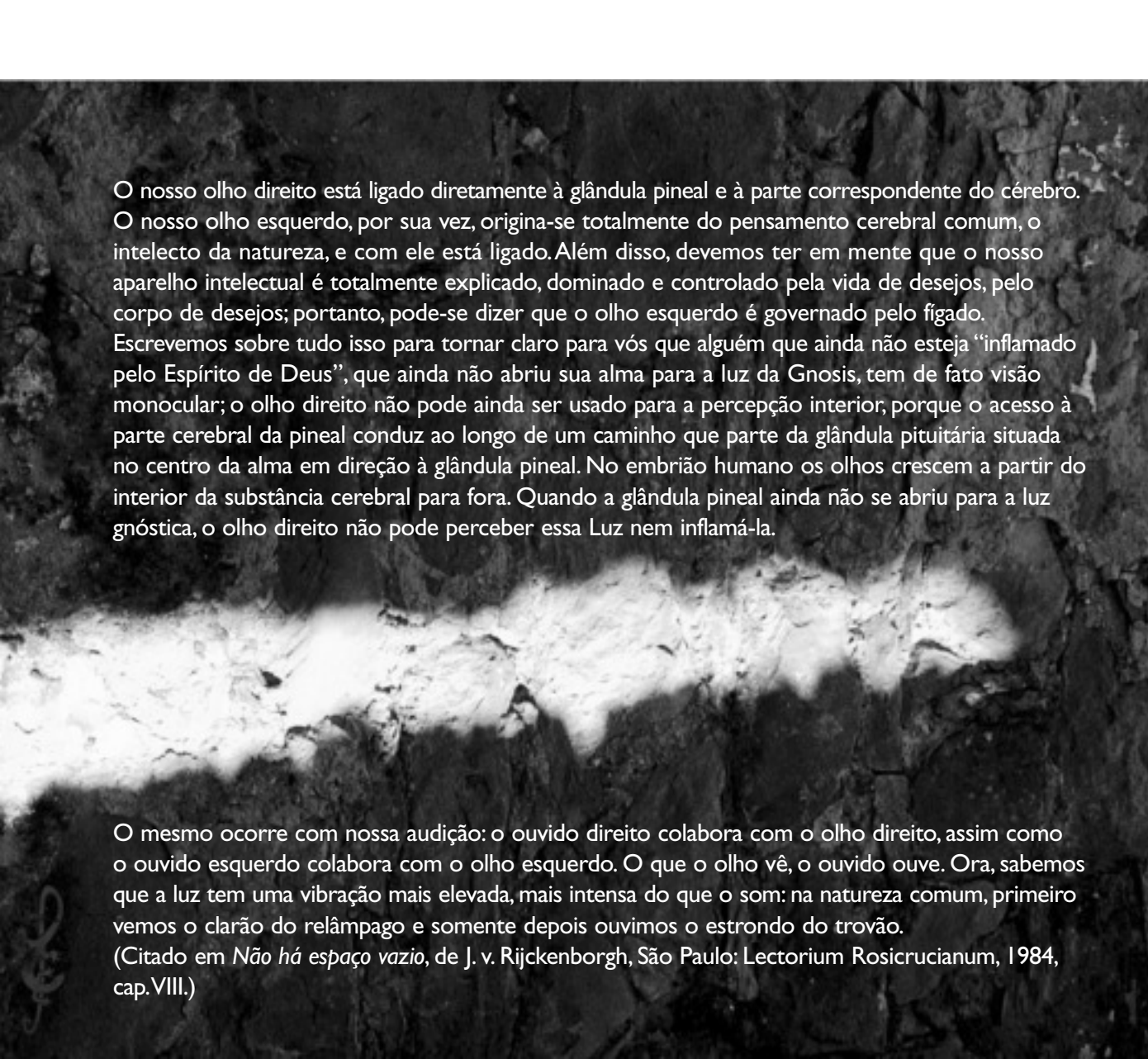
A nova faculdade auditiva da alma em vias de desenvolvimento é bastante diferente da audição física. É o ouvir a “voz” das profundezas interiores que, por força do ouvir e obedecer, se torna cada vez mais clara.

O DESEJO DE ORIENTAÇÃO

É da mais alta importância aprender a estar atento a esse som interior. Mas temos sempre a liberdade de negar esta suave pulsação. Então, a voz interior vai enfraquecendo pouco a pouco e de novo silencia, sem impaciência, sem acusação. Mas, quão deplorável seria não dar ouvidos à voz do coração!

Por outro lado, ouvir a voz interior reforça o desejo de atentar ainda mais para ela. Trata-se de escutar com o coração; tão logo a cabeça se põe a argumentar, estamos perdidos! Ao nos voltarmos para o campo astral puro da origem com o desejo de uma vida verdadeiramente renovada, nascida do coração, forjamos pouco a pouco o escudo contra o bombardeamento dos estímulos externos.

Este é o único meio de escaparmos da prisão dos sentidos. Os órgãos de percepção se tornam então “instrumentos” que servem para vivermos e trabalharmos neste mundo. O olho continua a ver, mas de forma mais pura, sem emoção e sem julgamento. O ouvido continua a ouvir, mas de forma mais simples, sem se prender àquilo que ouve. A agitação do corpo astral se acalma aos poucos e um equilíbrio se instaura no sistema; os ânimos se apaziguam! Ver sem julgar, ouvir sem se perturbar: isto, porém, nada tem a ver com a frieza e a dureza do coração. Pelo contrário! Senti-



O nosso olho direito está ligado diretamente à glândula pineal e à parte correspondente do cérebro. O nosso olho esquerdo, por sua vez, origina-se totalmente do pensamento cerebral comum, o intelecto da natureza, e com ele está ligado. Além disso, devemos ter em mente que o nosso aparelho intelectual é totalmente explicado, dominado e controlado pela vida de desejos, pelo corpo de desejos; portanto, pode-se dizer que o olho esquerdo é governado pelo fígado. Escrevemos sobre tudo isso para tornar claro para vós que alguém que ainda não esteja “inflamado pelo Espírito de Deus”, que ainda não abriu sua alma para a luz da Gnosis, tem de fato visão monocular; o olho direito não pode ainda ser usado para a percepção interior, porque o acesso à parte cerebral da pineal conduz ao longo de um caminho que parte da glândula pituitária situada no centro da alma em direção à glândula pineal. No embrião humano os olhos crescem a partir do interior da substância cerebral para fora. Quando a glândula pineal ainda não se abriu para a luz gnóstica, o olho direito não pode perceber essa Luz nem inflamá-la.

O mesmo ocorre com nossa audição: o ouvido direito colabora com o olho direito, assim como o ouvido esquerdo colabora com o olho esquerdo. O que o olho vê, o ouvido ouve. Ora, sabemos que a luz tem uma vibração mais elevada, mais intensa do que o som: na natureza comum, primeiro vemos o clarão do relâmpago e somente depois ouvimos o estrondo do trovão. (Citado em *Não há espaço vazio*, de J. v. Rijckenborgh, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1984, cap. VIII.)

mos apenas o desejo profundo de ir em auxílio dos semelhantes.

O único fundamento para uma percepção nova e para uma justa compreensão é o anseio nascido no coração, o desejo de compreender a Palavra de Amor e aprender a agir de acordo com ela. A atitude de vida que disso resulta, leva a um equilíbrio entre todos os veículos. Nesse equilíbrio, nesse silêncio, torna-se possível “ouvir” verdadeiramente. E o homem, estabelecido em um silêncio inviolável, contribui para apazi-

guar o tumulto nos seus semelhantes e no mundo.

Seu ser adquiriu uma nova vibração e emite uma nota fundamental completamente diferente: ele ouve um novo nome. Um nome que ninguém mais conhece. Um nome que pode ser inscrito no Livro da Vida.

1. Heindel, M., *O conceito rosacruz do cosmo*, São Paulo: Fraternidade Rosacruz, 1977, 2 ed, cap. 4.
2. Naimy, M., *Gesprek met de Ander*, Haarlem: Rozekruis Pers, 2003.

CONHECER DEUS NO ÂMAGO DAS COISAS

O ânimo do homem se expressa pelos olhos.



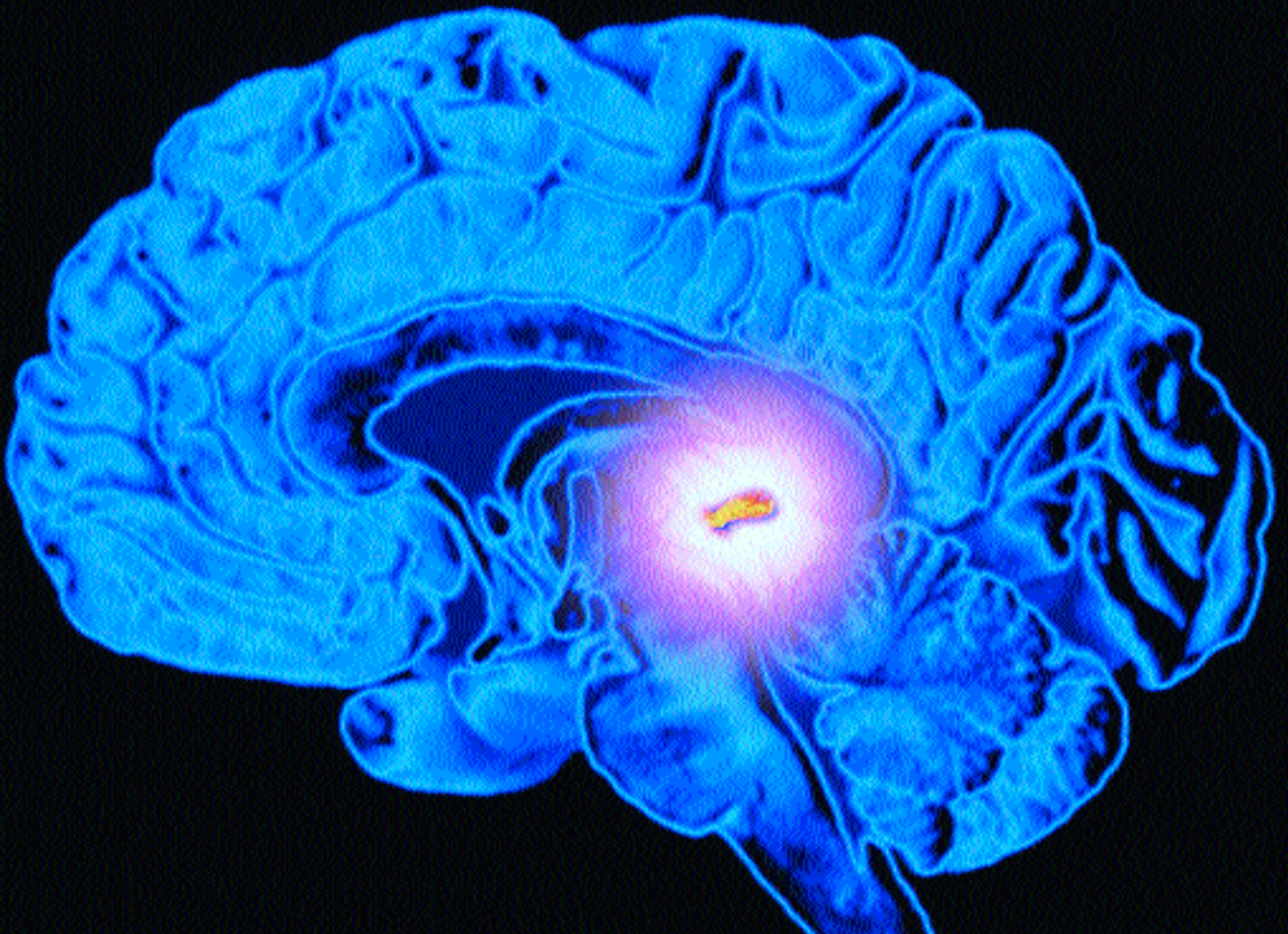
No feto humano, em dois pontos do cérebro, duas saliências, como que impelidas pela curiosidade de conhecer o mundo exterior e atraídas para a luz de fora, se formam e crescem até a pele. Então, na pele surgem duas pequenas protuberâncias que se convertem em olhos incipientes, com a formação de duas lentes. O olho se desenvolve do interior para o exterior, ao contrário dos outros sentidos!

Ao contrário de todas as regras de constituição do aparelho sensorial, é sob o impulso do próprio cérebro que aparece o órgão da visão. Na abertura dos olhos o cérebro parece estar desnudo em sua superfície! Sem a proteção da calota craniana.

Daí explica-se a sensibilidade especial à luz das fibras nervosas que revestem o fundo do olho. A retina recebe a luz e a transforma em impulsos que são transmitidos ao cérebro pelo nervo ótico. A “mancha amarela” (*macula lutea*), minúscula porção da retina, possui uma grande concentração de células sensíveis à cor que nos permitem perceber os menores detalhes. A íris determina a cor dos olhos: castanhos, azuis ou verdes.

Goethe, que por volta de 1810 estudava as cores¹, indica um fenôme-

no interessante: as cores aparecem graças à sua polaridade oposta. Pintores como J.M.W. Turner, os pré-rafaelitas na Inglaterra por volta de 1850, e nos Países-Baixos os artistas do grupo “de Ploeg” entre 1920 e 1940, trabalharam em função deste fato. O ensinamento de Goethe, que se dirigia especialmente aos pintores, foi o resultado de suas próprias percepções. Cada um de nós pode fazer as mesmas experiências. Tudo se baseia na oposição entre o preto e o branco, ou o escuro e o claro. Se olharmos a linha de demarcação entre o branco e o preto, através da neblina, um vidro opaco, um prisma ou qualquer coisa que refrate a luz, então observaremos tons azuis sobre um fundo negro e tons amarelos sobre um fundo branco. Intensificando essas duas cores



básicas, seus tons se tornam avermelhados. O amarelo passa de laranja a vermelho, o azul passa de azul escuro a violeta. Quando misturadas, dessas duas cores claras surge o verde, e se forem escurecidas surge o magenta.

As cores básicas são complementares. Goethe demonstra por meio de testes que, ao fechar os olhos após ter olhado para uma superfície laranja, surge o azul; após o verde, surge o vermelho; após o amarelo, o violeta e vice-versa. É possível fazer várias combinações com o círculo das cores. Uma característica interessante é que cores que não são complementares não se tocam no círculo. Cores puras formam combinações harmoniosas. Há ainda muito a ser observado. Por exemplo: o sol no zênite tem uma cor totalmente diferente que no poente; a

cor do céu acima do arco-íris é sempre mais escura que abaixo.

Ao lado da radiação visível do sol há radiações (solares) invisíveis como o ultravioleta, o infravermelho, os raios-X, os raios gama. Quanto mais curto for o comprimento de onda da luz, mais a radiação é perigosa para o ser humano. Embora invisível ao olho humano, ela está presente. O mesmo se dá com o magnetismo e a eletricidade. Goethe diz que as cores são “as ações e sofrimentos da luz”. Esta citação célebre remete-nos implicitamente à luta entre as trevas e a luz. Será essa a luz que se esforça para sair das trevas? Mas a luz não pode fazer outra coisa senão irradiar, doar-se, iluminar. Ou então são as trevas que se esforçam para resistir à luz, para mascará-la, encobri-la?

A glândula pineal, maravilhoso órgão onde a alma purificada restabelece a ligação com o campo do Espírito. Obra que mostra, no cérebro, a localização desse órgão que desempenha um papel decisivo no equilíbrio hormonal. Foto © Science Photo Library.



DA AUDIÇÃO À VISÃO

Em 10 de janeiro de 1996, no *Groene Amsterdammer*, M. Corbussem denunciou o que ele chama de “o terror do olho”. O ouvido cede cada vez mais ao olho. A supremacia do olho se impõe no domínio musical: óperas, comédias musicais, música pop, vídeo cliques. Há um século escutava-se música por ela mesma, enquanto que hoje a música é mais “olhada” do que ouvida. Isto não é um fenômeno assim tão recente. A soberania do olho teve início a partir do século XVII com as ciências racionais. A “percepção” sempre leva ao conhecimento, e conhecimento é poder. Depois dessa época, o ouvido, o paladar e o olfato foram negligenciados, pois a incerteza e a variabilidade desses sentidos tornou a aplicação e a aceitação de suas análises algo impossível. Mas, e as ilusões de ótica? Vamos dar dois exemplos simples. Vejamos primeiramente o que um rápido olhar nos oferece. Em seguida, o que podemos observar numa abordagem mais atenta, se quisermos nos abrir ou nos esforçar.

O instrumento da visão, “o olho”, nos faz crer naquilo que queremos ver. A psique quer ver algo; o cérebro quer constatar alguma coisa. Ambos se “apoderam” desse órgão maravilhoso e determinam o que o olho vê, por exemplo, na televisão, na publicidade, nos filmes, etc. Não vemos a realidade, mas sim aquilo que imaginamos. Vemos, portanto, somente aquilo que temos condição de ver ou de aceitar.

Porém, ainda existe algo mais com relação a nossos olhos. Dissemos que os olhos são o espelho da alma e que eles revelam a vitalidade, o ânimo. Quem não se recorda de ter admirado

Voltemos à biologia do olho. As cores não são relevantes para se ter uma boa ou uma má visão. Tudo isso é a manifestação de algo que se desenvolveu através de um combate para sair das trevas para a luz, tal como uma planta que cresce em direção à luz e adquire coloração². O semblante também adquire “cor” mediante a cor dos olhos. Trata-se de uma magnífica extensão deles. Não consideramos o olho apenas como órgão da visão, mas também como elemento constitutivo da fisionomia. Por exemplo, não dizemos que alguém possui uma “audição interessante”, mas sim que possui uma fisionomia interessante. Seria devido ao fato de os olhos ficarem exatamente no centro da face? Falamos de “olhar expressivo”, mas também dizemos que “os olhos são o espelho da alma”. A alma dos homens se expressa no semblante, especialmente nos olhos.

De *Homine*, René Descartes. Gravura mostrando como se pensava que uma imagem do olho era transmitida à pineal (H). Descartes (1596-1650) concluiu que “a relação entre b (sinal de recepção) e c (ação) é um mistério insolúvel que pertence à natureza da alma”. © Science Photo Library.

um par de “olhos irradiantes”? Esse foi um momento em que verdadeiramente fomos tocados. Momentos de amor, de compreensão, de respeito, encontros inesquecíveis. Vemos que, por detrás disso tudo, alguma coisa nos comoveu, algo de que não estávamos conscientes no momento. Fomos tocados por algo transcendente.

No capítulo 12 do Tao Te King, o livro de sabedoria chinesa, datando de 2600 anos, está escrito:

*As cinco cores cegam a vista,
os cinco sons ensurdecem os ouvidos,
os cinco sabores corrompem o paladar.
As perseguições e as lutas desenfreadas
mergulham o coração humano no erro.
Os bens de difícil aquisição
incitam a atos funestos. É por isso
que o sábio se ocupa de seu próprio interior,
e não de seus olhos.
Ele rejeita o que vem do exterior e
deseja o que está no interior.*

Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri³, em seus comentários ao Tao Te King, afirmam que os fenômenos acima descritos entravam profundamente os verdadeiros poderes da personalidade. Portanto, a pretensão dos homens de poderem observar a realidade parece discutível. E a importância dada ao mundo exterior faz-nos ignorar nosso verdadeiro interesse: ver o nosso próprio interior.

A alma pode ser reconhecida através da luz vivente que ela irradia. Quer o olhar se volte para o interior ou para o exterior, aquilo que nos anima bem como o nível em que nos encontramos é sempre perceptível através dos olhos. Eles refletem esses estados. Podemos ler nos olhos cada estado de espírito, cada estado de alma e até mesmo cada emoção.

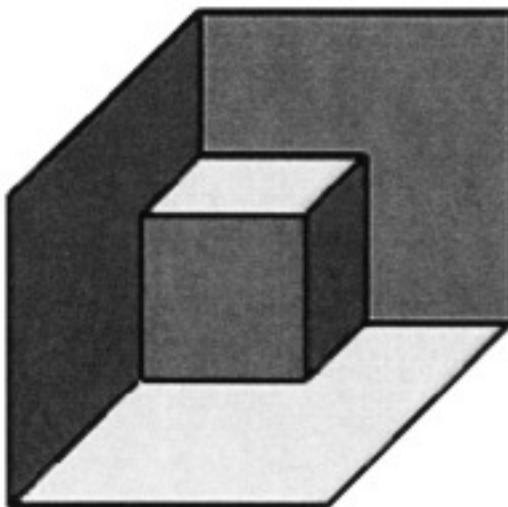
A concepção corrente de que a sensação de luz é causada pelas vibrações

etéricas que, em seguida são transmitidas pela retina aos nervos óticos, e destes para o cérebro pode, quando muito, abranger os aspectos biológicos da visão.

A PINEAL COMO INSTRUMENTO DE PERCEPÇÃO

Se a orientação do buscador se aprofunda e em consequência disso seu fio condutor se torna mais seguro, as circunstâncias exteriores passam a determinar cada vez menos seu caminho. Então ele ingressa num estado neutro, pleno de claridade, permanecendo, não obstante, bastante ativo e alerta. Nisto a pineal tem um papel chave. Há milhões de anos, o ser humano possuía apenas um olho e a pineal funcionava como instrumento de percepção. Os olhos, tal como os conhecemos, apareceram somente mais tarde e a pineal foi perdendo progressivamente sua importância, atrofiando-se logo em seguida, no curso da evolução. Porém ela ainda tem uma grande importância no ritmo entre o sono e o despertar. Esse órgão é sensível à luz. A luz captada pela retina dirige-se igualmente para

A quina de um cubo ou um cubo num canto?



esse “relógio interno”. Na pineal, a luz estimula a produção dos hormônios que nos mantém acordados durante o dia, enquanto que na ausência de luz a produção da melatonina baixa, o que nos torna sonolentos.

Os sentidos e o poder mental são vias de circulação de energias que operam graças aos diferentes chacras, sendo que o chacra ligado à pineal é o mais importante. Na literatura esotérica, a pineal é denominada “terceiro olho”, e por estar diretamente ligada aos olhos, ela sempre reflete o caminho seguido pelo buscador.

Deus é luz. Deus é amor. É buscando que aprendemos a conhecer Deus em nosso interior e no interior de todas as coisas. Então os sentidos e o mundo já não têm um papel determinante, pois a força da Luz preenche todo o espaço à nossa volta.

No livro *Não há espaço vazio*, Jan van Rijckenborgh escreve:

*Assim, o olho, com referência à sua verdadeira função, é cego, inativo. Nesse estado, nós olhamos para o mundo e a humanidade exclusivamente com a nossa natureza de desejos e a atividade mental submetida a ela. Conseqüentemente, nossas funções visuais são totalmente autcentralizadas e automantenedoras. Assim, tudo o que olhamos é sempre com o objetivo: o que é que me agrada? O que pode servir para alimentar o meu eu? O que pode ser um deleite para mim?*⁴

Com nossos olhos e de acordo com nossa personalidade e magnetismo natural, ocupamo-nos das coisas exteriores e com a conservação de nosso eu. Mas somente quando nos voltamos para o interior, para o mais recôndito de nosso ser, é que podemos assegurar a grande transformação de nossa alma, portanto de nosso

estado magnético. Então o amor pasará a irradiar de nossos olhos. Quão notável, portanto, soam as palavras do 12º capítulo do Tao Te King:

É por isso que o sábio se ocupa de seu próprio interior, e não de seus olhos.

FONTES:

1. Goethe, J. W., *Doutrina das cores*, São Paulo, Nova Alexandria, 1993.
2. Soesman, A., *De twaalf zintuigen* (Os doze sentidos) Zeist, Christofoor, 4. ed., 2005 (citado no quarto capítulo).
3. Rijckenborgh, J. v. e Petri, C. d., *A gnosis chinesa* (em preparação).
4. Rijckenborgh, J. v. e Petri, C. d., *Não há espaço vazio*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1984.



“COM A MEDIDA COM QUE MEDIS SEREIS MEDIDOS”

A evolução da consciência cerebral, no decorrer dos tempos, deu ao homem a inteligência e o poder de fazer uma idéia objetiva do mundo. Daí ele concebeu um sentimento de superioridade e a ilusão de que o mundo girava ao redor dele. Com efeito, não era o mundo o sujeito e o objeto de uma percepção que partia unicamente dele? Nessas condições, o homem passou a experimentar uma cisão entre si mesmo e o resto do Universo, enquanto sua personalidade se tornava cada vez mais autoconsciente.

De início, o ser humano sentia-se ligado a todas as criaturas viventes, e particularmente à sua tribo ou família. Mas a crescente sensação de que ele era seu próprio corpo físico impedia-o de se libertar de seus desejos e temores, reflexos nascidos do instinto de conservação da personalidade. O funcionamento da inteligência está estreitamente associado aos sentidos, como diz Hermes: “A percepção sensorial e a atividade mental estão, pois, no homem, unidas como se fossem entrelaçadas, porque não há atividade mental sem percepção sensorial, nem percepção sensorial sem atividade mental”¹.

UM MUNDO APARENTE

A ciência empírica não existe fora das percepções sensoriais: *os fatos em primeiro lugar, a teoria depois*. Esta é sua divisa. A pesquisa se fundamenta na observação e na experimentação. Em suas análises e julgamentos, a ciência permanece fiel aos fatos estabelecidos. As hipóteses se apóiam sobre fatos. Porém, estes últimos dependem das informações do mundo *aparente*, o mundo dos fenômenos externos. Para a filosofia, trata-se da “realidade fenomênica”. Mesmo apoiando-se nos fenômenos externos, percebidos sensorialmente, não podemos dizer que o cientista alcance a verdade. Apesar da exatidão de suas medidas, ele não é assim tão objetivo quanto parece. Se quisesse ser verdadeiramente objetivo, ele teria de admitir que mesmo medindo tudo o que vê, ouve, saboreia e toca, a ciência sempre permanece dependente de suas percepções. Então, ele chegaria à desconcertante conclusão: a realidade percebida é deformada pelos sentidos! A pura percepção sensorial sofre as



deformações do intelecto e dos sentidos; a verdadeira observação científica não passa de um belo ideal.

O pensamento científico atual comprova esse fato e utiliza para isso o “princípio da incerteza”. Ele constata ter chegado ao ponto em que espírito e matéria se tocam e se influenciam reciprocamente. É impossível, por exemplo, prever quando uma onda ou uma partícula pode ser observada. A ciência se limita ao mundo dos fenômenos e deixa a outros a última palavra a respeito da verdadeira realidade. Ela admite, com certa modéstia, que a *realidade* é incognoscível porque não existe nenhum sentido que possa percebê-la, mas se refere a essa *realidade* como pertencendo ao domínio da ilusão. Seguindo a mesma linha de argumentação, a ciência é co-habitante desse reino de fábulas, na ilusão de que os fenômenos podem ser tomados por coisas reais, por fatos científicos. Daí ela acaba sendo medida com a mesma medida com que mede.

Isso não é nenhuma novidade, e devido aos limites da observação empírica, torna-se cada vez mais claro para



os cientistas que devem buscar outros caminhos. Eles concebem, portanto, uma teoria que faz abstração dos fatos e que pode conduzir a uma compreensão. Para as inúmeras percepções concretas eles buscam uma definição geral. Com novas imagens, novos conceitos, tentam, em vão, compreender a realidade. Finalmente, a ciência tem de admitir que a totalidade dos fenômenos não pode ser compreendida por um raciocínio abstrato. A percepção “especulativa” continua construindo a partir de partes, de fragmentos. É um caminho no qual o homem não pode alcançar a verdade absoluta. Mesmo em sua forma mais sutil, o saber empírico se refere tão-somente ao que é finito, limitado: a percepção sensorial.

Dessa forma, o infinito está sempre fora de nosso alcance, porque o próprio observador científico parece estar sempre na direção errada. O próprio cientista é o último obstáculo, o fator perturbador na pesquisa científica. Aquilo que ele percebe é, em primeiro lugar, sua própria criação, e não os traços da realidade; é um produto

de seu próprio mundo imaginário “despertado pelas imagens do sonho”².

AS MÍDIAS NÃO SÃO MEIOS DE EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

E a tecnologia? O desenvolvimento de instrumentos de pesquisa, do microscópio ao satélite, serviu para um maior refinamento da observação e, portanto, para a descoberta de muitas coisas novas. Contudo, a ciência produziu algo útil com relação a nossas necessidades básicas. Em seguida, passou a criar rapidamente sempre mais novidades, que, à primeira vista, parecem tornar a vida mais fácil, mas que rapidamente se voltam contra nós. Esses “recursos” submetem cada vez mais o homem às limitações de seu campo de pesquisa, confrontando-o mais do que nunca com as restrições desse ponto focal. Mesmo os mais sofisticados meios de comunicação visual não abrem, na verdade, nenhuma janela para o mundo, porém deformam e confundem de uma nova maneira! Como a “mídia”, eles impe-

Mosaico romano do piso de um túmulo, em Sousse (Tunísia), metade do século III, hoje no museu do Bardo, Tunis. Nele está representado o desembarque e a pesagem de mercadorias.

“A faculdade de pensar relaciona-se com a atividade mental, assim como Deus se relaciona com a natureza divina, porque a natureza divina provém de Deus, e a atividade mental, do pensar, que está aparentado com o Verbo.

Ou melhor: a atividade mental e o Verbo são instrumentos um do outro, pois o Verbo não é proferido sem uma atividade mental, e a atividade mental não se torna manifesta sem o Verbo.

A percepção sensorial e a atividade mental estão, pois, no homem, unidas como se fossem entrelaçadas, porque

não há atividade mental sem percepção sensorial, nem percepção sensorial sem atividade mental. (vers. 3, 4 e 5)

Vou voltar agora a meu discurso sobre a percepção. É, pois, próprio do homem unir a percepção com a atividade mental. Todavia, como já disse antes, nem todo o homem dispõe de uma mente; porque há o homem material e há o vero homem espiritual. O homem material, ligado ao mal, recebe, como já disse, o germe de seus pensamentos dos demônios; o homem espiritual, porém, é ligado ao bem e é guardado por Deus para sua salvação.

Deus, o Demiurgo do Todo, forma todas as Suas criaturas segundo a Sua imagem, porém elas, boas segundo seu fundamento primordial, desviaram-se no uso de sua força ativa. Daí a retribuição da terra, que, ao moê-las, produz os gêneros em várias qualidades, alguns maculados pela maldade, outros purificados pelo bem. Porque, Asclépio, o mundo tem também sua faculdade de percepção e sua atividade de pensar, não da maneira dos homens, nem tão variadas, porém mais sublimes, mais simples, mais verídicas.” (vers. 13 e 14)

De: *A Arquignosis egípcia*, t.3, de J.v.Rijckenborgh, 11º livro: *Sobre a mente e os sentidos*.

Ferragem de porta chinesa, em forma de serpente enrolada, dos tempos dos impérios guerreiros. 1050-256 a.C., Paris, Museu Guimet.



dem o homem de ver a realidade e o submetem a todos os tipos de manipulação. Pensemos nas “fotos digitais”: um retoque na imagem elimina também informações vitais.

Assim, o fosso entre o homem e a realidade se torna maior. A realidade se decompõe, cai em pedaços, se frag-

menta completamente. Mais do que nunca, o homem é remetido de volta a si mesmo. Terá ele se tornado um quebra-cabeça? Sim, ele se tornou um quebra-cabeça para si mesmo, tão fragmentado quanto o mundo que o cerca. Eis a ironia: a inteligência não nos elevou acima das fronteiras do

mundo, mas nos encadeou ainda mais fortemente. O homem se uniu a este mundo e este, cada vez mais complexo, o mantém prisioneiro. “Nem todo homem dispõe de uma mente.”

Devemos, então, “voltar ao natural”? Isto é tão insensato quanto impossível. Não faz sentido glorificar o corpo devido à confusão do intelecto. A cisão entre fato e percepção, teoria e realidade, que freqüentemente atribuímos ao funcionamento do intelecto, intervém mesmo na experiência sensorial. O mundo que conhecemos através dos sentidos é também aquele do qual estamos irrevogavelmente separados. Nosso poder de percepção nunca é total porque vemos de modo fragmentário. O espaço e o tempo condicionam a percepção sensorial. Somos incapazes de perceber tudo ao mesmo tempo. Nossos sentidos são ligados ao tempo e espaço! E, coincidente com nossas próprias limitações de espaço e tempo, só podemos captar um vislumbre da verdade. São os mesmos limites contra os quais a ciência se choca irremediavelmente. A evolução no interior da realidade sensorial e o desenvolvimento da ciência sempre nos conduzem a um limite.

E se a solução fosse remover esse limite? Clarividência, clariaudência? A ciência de mente aberta abre espaço ao paranormal e à percepção científica dos fenômenos mediúnicos e espiritistas. A popularidade das ciências paranormais já chega a eclipsar a popularidade das assim chamadas ciências empíricas clássicas. Não obstante, por mais que o pesquisador científico negue os limites externos e internos, ele não consegue vencê-los. O campo de pesquisa é realmente vasto, porém, ao mesmo tempo, o cerne do problema é repudiado. Essa mudança do nível de percepção torna

ainda mais difícil desmascarar a ilusão, pois tudo aquilo que podemos dizer sobre as falhas da percepção sensorial é ainda mais válido para a percepção extra-sensorial. As faculdades de percepção da matéria sutil talvez nos conduzam além dos limites da matéria, porém nos ligam ainda mais fortemente às ilusões próprias do mundo. Às ilusões do mundo visível vêm se juntar outras, criando um universo do qual é ainda mais difícil escapar. Ou do qual não conseguimos escapar, porque não percebemos que estamos presos. Os muros são invisíveis, e facilmente acreditamos que já escapamos. E o que pode ser dito da realidade aparente comum, é que pelos seus limites podemos perceber a verdade em relação a nós mesmos e ver nossas falhas mais rapidamente. É sempre melhor que a consciência de vigília busque sair do impasse de sua própria realidade do que fugirmos para um mundo intermediário e sonhar.

Aquilo que é válido para as experiências sensoriais o é também para a ciência empírica. Uma vez atingido o limite, pode-se vislumbrar uma saída. Os limites, no final das contas, despertam por sua vez o desejo de libertação do espaço-tempo, de avançar em direção a um conhecimento que já não é sensorial. Porque “não é, entretanto, a mente que chega à verdade, porém, a alma ligada ao Espírito tem o poder, depois de ser guiada primeiramente a essa via pela mente, de avançar rumo à verdade”³.

O MUNDO DO “SER”

Impressões e constatações formam uma cadeia infinita de elementos que turbilhonam em nosso intelecto. Exploramos a superfície do globo sem conseguirmos penetrar seu cerne.

“Parem o mundo, pois quero descer!”, gritamos desesperados. Contudo, temos de sair também de nós mesmos, temos de nos livrar de toda essa barafunda de impressões, reações, experimentações, idéias, pensamentos e aspirações. Como?

A solução surge quando como num relâmpago uma totalmente nova compreensão irrompe. De repente compreendemos que em nós este mundo escuro e confuso, este endurecido mundo das coisas, pode ser rompido e aberto. Compreendemos que nossos sentidos nos mostram exatamente a sombra da luz – que não queremos descobrir em nós mesmos e que não queremos aceitar como verdade. A compreensão de que fomos apartados do mundo tangível, unicamente para pesquisar em nós mesmos. O mundo real não é perceptível de fora através dos sentidos externos. Esse outro mundo da luz, a verdadeira realidade, que não é o mundo fenomênico, nada mais é que o “ser”, que só pode ser percebido com o olho espiritual. Ele se mostra àquele cuja consciência se transformou completamente: “Ela abrirá de par em par diante de ti as portas das suas câmaras secretas, desnudará ao teu olhar os tesouros ocultos nas profundezas do seu seio virgem. Impoluída pela mão da matéria, ela revela os seus tesouros apenas aos olhos do Espírito - os olhos que nunca se fecham, os olhos para os quais não há véu em todos os seus reinos”, diz *A voz do silêncio*⁴.

O conhecimento que desse modo adquirimos já não é empírico, porém nasce e se revela interiormente. Ele não é o resultado de impressões externas. Trata-se de uma *Gnosis*, que flui diretamente da fonte original. Ela nasce no coração onde o infinito nos toca diretamente de dentro. O verda-

deiro saber interior provém da revelação divina. Derivada da idéia original, ela é refletida pela matéria primordial. Ela é a Verdade, e não tem necessidade de provas. Não se trata de um conjunto de conhecimentos especiais, porém ela é una e universal. Eventualmente ela se faz conhecer por signos ou imagens, ela é traduzível em conceitos e teorias, mas transcende finalmente toda forma de pensamento, percepção sensorial e entendimento. Deixemos, por fim, a última palavra a Hermes: “Se não te fazes igual a Deus, não podes compreendê-lo: porque só o semelhante compreende o semelhante. Cresce e eleva-te a uma grandeza incomensurável, ultrapassa todos os corpos, vai além de todo o tempo; torna-te eternidade. Então compreenderás a Deus. Compenetrante do pensamento de que nada é impossível para ti, considera-te como imortal e em condições de tudo compreender, toda a arte, toda a ciência, a natureza de tudo o que vive”⁵.

NOTAS:

1. Rijckenborgh, J. v., *A arquignosis egípcia*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1989, t. III, livro 11, vers. 5.
2. Idem, tomo III, Livro 11, vers. 7.
3. Idem, tomo III, Livro 11, vers. 25.
4. Blavatsky, H.P., *A voz do silêncio*. São Paulo: Pensamento, 1991.
5. Rijckenborgh, J. v., *A arquignosis egípcia*, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1984, t. I, livro 2, vers. 78 – 80.

O INSTANTE DA INTUIÇÃO

Deve estar claro que aquele que se entrega a sugestões de natureza egoísta, por mais disfarçadas que sejam, outra coisa não faz senão reforçar essa tendência. Essa pessoa se torna um perito em matéria de egocentrismo: “Não creias que a luxúria pode alguma vez ser morta se é satisfeita ou saciada”, lemos em A voz do silêncio¹. Semelhante prática é um obstáculo a um desenvolvimento superior.

Aquele que busca por intuição volta-se, de modo geral, para os “guias interiores”, tão louvados por toda parte. Tal pessoa pode ser induzida ao erro. O homem ingênuo, que aspira a ser bom, sem que para isso tenha a força em si mesmo, procura a ajuda “do alto”. Ora, o “lá no alto” encontra-se muito ocupado no momento. E

pensais em uma vida “inspiradora”, que parece superior ao homem que busca orientação. Mas, como buscadores, como podeis precisar o nível espiritual desses guias? Somente aquele que melhora a si mesmo pode ver se outro também pode melhorar, não é mesmo? E quem for capaz de julgar a sabedoria de um guia não tem, de fato, necessidade alguma desse guia. Ele depende de seu conhecimento interior.

Todos que desejam realmente conhecer a verdade, mesmo que ela não seja aquela que vêm através de sua janela, conhecê-la-ão, pois cada um a traz dentro de si como um projeto do homem superior e para o homem superior. E cada um que se orienta por esse critério passa realmente a ser guiado a partir de seu interior. E se quiser conhecer a verdadeira face de



O túmulo do mergulhador. O momento em que o mergulhador se atira ao mar do alto de uma plataforma, representa um símbolo da ressurreição, segundo Pitágoras. Paestum (Itália), 480 a.C.

ΒΕΙΟΡΕΙΟΝ
ΡΑΔΟΣ
ΔΑΡΙΜΑ + Ο



Η ΛΙΚΟΝ



seu guia, poderá fazê-lo. Ele será capaz disso mediante a “intuição”, porque tem um desejo sincero que está de acordo com a intenção divina.

Mas aquele que não está pronto para conhecer a verdade, pronto para suportá-la, deixa-se manobrar e enganar dando ouvidos à voz sedutora que lhe sugere ser ele mesmo o homem superior, ou então qualquer outra coisa que alegremente deseje ouvir. Imediatamente, ele se dirige para um dos numerosos institutos ou guias que oferecem cursos para o desenvolvimento da intuição, uma forma superior de conhecimento oníbarcante que indica sempre a boa direção. Tudo isso é bastante sedutor e oferece um sem número de possibilidades: pintura intuitiva, gerenciamento intuitivo, educação intuitiva de crianças, sem contar que ela pode, segundo os que ministram esses cursos, ajudar a encontrar objetos perdidos. Decididamente, a intuição está na “moda”!

Que confusão! A intuição é o guia interior e faz parte, junto com a elevada razão, das capacidades do homem superior. Não é o homem terrestre que galga a escada para uma oitava superior, mas um outro homem, o *novo homem*. A verdade é sempre simples. Todo aquele que quer conhecê-la e atenta para a primeira coisa que lhe vem ao espírito, assim como é recomendado nos cursos de intuição, faz somente uma outra pergunta: *ele pergunta pela verdade*.

“NÃO A MINHA VONTADE...”

O projeto, o plano divino, ignora a vontade do eu, mas segue a *vontade de Deus*, também chamada “conselho” ou “força de Deus”. Não é como se o homem quisesse o que Deus quer, pois isso também é uma armadi-

lha, mas é querer como o centro de força do Universo, que trabalha em nós. Aquele que realmente escuta essa voz desenvolverá a intuição e se colocará de lado para que o homem superior possa respirar livremente, ver e ouvir, saber e agir por meio dele.

Assim, ele conhecerá esse saber superior que é a intuição, o guia que age interiormente. Nessa submissão, tudo o que não se ajusta a ela desaparece e tudo que se harmoniza eleva-se no novo homem.

Ele segue, então, pleno de alegria, o caminho que julga dever seguir, o seu verdadeiro caminho de vida. Em sua rota, encontra tudo o que pode concorrer para sua realização, e todos que o rodeiam, consciente ou inconscientemente, são considerados segundo a *perspectiva* do novo homem.

O caminho o leva para lugares que jamais teria escolhido e o faz entrar em contato com pessoas que talvez não tivesse escolhido. E, contudo, esses lugares e essas pessoas se lhe tornam extremamente caras. Aquele que ouve a voz das profundezas curva a cabeça cheio de admiração e de sede de aprender, feliz em reconhecer que a *força central* o guia muito melhor do que ele mesmo o faria, sustentando seu próprio desenvolvimento e seus empreendimentos, porque sua vontade se ajusta à força denominada vontade de Deus. Tudo o que ele abandonou, talvez com muita dificuldade e dor, é-lhe dado de volta de uma outra maneira, assim como a completa libertação pode ser expressa pelo grande paradoxo: “Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á”. (Mateus 16:25)

1. Blavatsky, H. P. *A voz do silêncio*. São Paulo: Pensamento, 1991.

A musa Euterpe toca graciosamente sua lira enquanto um pequeno pássaro a escuta. Dos vasos gregos com fundo branco, como o que aqui vemos, ca. 440 a.C., se destaca uma impressão de serenidade em um ambiente meditativo. Eles serviam apenas como presentes funerários.



O ESPÍRITO QUE É PURO AMOR

Aquele que se interessa pelo campo espiritual precisa pensar em dois níveis quando se trata de faculdades sensoriais. Além dos “cinco sentidos comuns”, existem ainda: a visão da alma, que nos permite observar a elevada vida da alma, a audição interior, que compreende a voz do coração, e os sentidos elevados do olfato, do paladar e do tato. Na literatura mundial encontramos muitas referências desse tipo, e os classificamos de planos concreto e abstrato.

Dos “cinco sentidos comuns”, a audição e a visão são os que mais possuem objetividade: é possível, em um curto espaço de tempo, abstrair-se, tornar-se “cego” e “surdo”, nada “ver”, nada “ouvir”. Para as sensações, o caso já é diferente, pois além de sentirmos a dor física – uma dor de cabeça ou a dor de uma torção – temos também a capacidade de sentir uma atmosfera, uma situação, ou aquilo que devemos fazer em dado momento. Nós também podemos nos fechar a essas impressões. Já o medo, a aflição e a angústia são completamente subjetivos e deles dificilmente conseguimos fugir.

O “paladar” está tão intimamente incorporado a nós, que facilmente esquecemos que ele também é uma faculdade sensorial. Ele é também um critério, um índice de nosso desenvolvimento. Um bom paladar constitui uma qualidade apreciada em todo lugar, embora ele seja freqüentemente ditado pelo meio ambiente.

O PALADAR EM SENTIDO SUPERIOR

Nosso corpo é um maravilhoso instrumento concebido para “servir a dois mestres ao mesmo tempo”. Além de suas funções naturais, os órgãos de percepção são igualmente um ponto de contato e um acesso aos impulsos da natureza superior, pelo qual nossa existência terrestre pode ser explicada. Isto é amplamente válido para o tato, o olfato, e especialmente para o paladar. O paladar é uma indicação de nosso estado-de-ser, e não nos referimos aqui à gastronomia nem a qualquer tipo de “refinamento”.

Em geral, isto concerne tanto ao plano físico como ao plano da alma: o que penetra em nosso sistema, aquilo a que nos “abrimos”, *fará* de nós o que somos; a maneira como nós o transformamos e o integramos *mostrará* o que somos. E aquilo que mostramos está em parte sob nosso controle: em certa medida podemos mostrar-nos diferentes daquilo que somos, até mesmo criar uma certa ilusão para o exterior, mas, definitivamente, não para nós mesmos! Isso porque a última expressão do estado-de-ser repousa nas profundezas: na região do espírito, e isso significa: o Amor.

“Deus é Amor” era o credo da fraternidade dos cátaros. Ainda hoje cabe-nos elevar nossa consciência ao pensamento central da vida espiritual para que eventualmente possamos chegar a uma consciência mais elevada. Deus é Amor. Em que parte nos

encontramos no caminho que leva ao puro campo de vida da unidade oníbarcante? O sentido superior do paladar dirá: “O que contamina o homem não é o que entra na boca; mas o que sai da boca, isso é o que o contamina o homem”¹.

Não é admirável que exatamente a língua, que nos permite falar, seja ao mesmo tempo coberta de papilas gustativas? Serei pesado por cada palavra que sair de minha boca e dela darei conta: a doçura da resignação benévola, a amargura de um ego ofendido, o ranço ácido de uma palavra indelicada.

À medida que nos aproximamos da unidade do Amor divino e que a ela nos confiamos, a sensibilidade do paladar se torna mais refinada e cada vez mais concreta. E o órgão do paladar já não se limita à boca e à língua. Cada palavra, cada pensamento, cada ato é passado pelo crivo do ser interior transmutado.

Assim, o que entra no sistema, o bem e o mal, é transformado em puro Amor pelo Espírito-em-mim – e irradia. Porque o Espírito é puro Amor, no qual já não há oposição, no qual toda condenação é sublimada e somente o todo-bem permanece como realidade. É nesse sentido que o Espírito testifica do que sai da “boca”. Assim também diz o salmista: “Provai, e vede que o Senhor é bom”².

Buda, pensador e instrutor. Japão, Chugu-ji, por volta de 550-650.

1. Mateus 15:11

2. Salmo 34:8

CRER ANTES DE VER

Esta é a missão dada por Deus aos homens: orientarem-se, em sua vida terrestre, para a vida eterna e descobrirem na forma transitória sua vida eterna.¹

(Jacob Boehme)

Aquele que, fortuitamente ou não, se vê num lugar desconhecido, sente necessidade de marcar os lugares, de fazer uma idéia clara das circunstâncias e de tudo o que o cerca, de descobrir seus ruídos e seus odores. Ousado, porém prudente, ele registra todas as impressões da vizinhança e avança, tateando, buscando um ponto de apoio para sentir-se seguro.

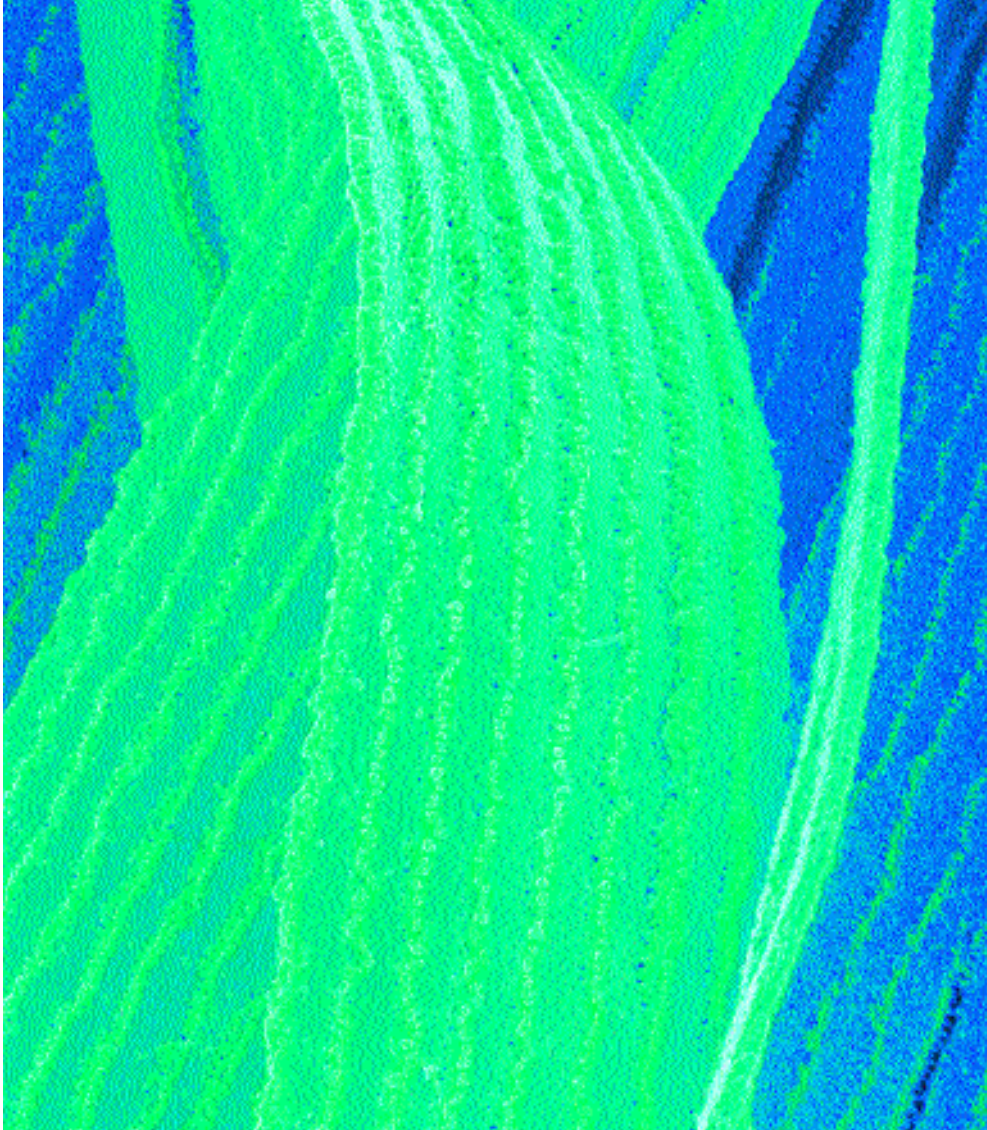
Nossos sentidos nos permitem fazer uma idéia bastante completa do meio em que vivemos, das circunstâncias e do lugar que ocupamos. A partir daí, orientamos nossa vida a curto e a longo prazo. Também encontramos, naquilo que nos cerca, os agentes de nossa motivação que chamamos “a sede de viver”. Em suma, os sentidos nos proporcionam, sobretudo no início, todos os ingredientes necessários para dar à nossa vida um significado, uma direção e objetivos.

O ser humano vive em interação com o Universo, faz parte dele, é uno com ele e não pode se imaginar fora dele. Nada do que existe ou acontece no Universo o deixa indiferente, mesmo que geralmente ele não tenha consciência disso. Ele sofre suas influências, e as mudanças acontecem lentamente ao longo do tempo. Desse

modo, podemos considerar corretamente a figura humana como um sistema extremamente sensível. Mas a recíproca também é verdadeira: cada um de nossos pensamentos e ações, tanto individuais como em grupo, encontra uma ressonância no Universo.

As impressões que recebemos de nosso meio são transmitidas através de vibrações. Todas as percepções se devem às vibrações de ondas luminosas ou sonoras. Vista espacialmente, uma vibração se movimenta alternadamente acima e abaixo de uma linha de nível zero, oscilando entre positivo e negativo, entre alto e baixo, dentro e fora, sim e não... em maior ou menor mudança antagônica. De um oposto a outro, com mudanças que podem variar de trilhões de vibrações por segundo ou ciclos de milhares de anos. Um ciclo completo, do zero ao pólo negativo e de volta ao zero pelo pólo positivo, se denomina um período. O número de períodos por segundo é denominado uma frequência. A frequência determina, entre outras coisas, o tom, a cor, bem como nossa reação ao meio-ambiente. Desse modo podemos sentir-nos bem em determinado lugar e não tão bem em outro lugar semelhante.

O conjunto de frequências de tons e de cores compõe o cântico da terra, às vezes harmonioso e melodioso como um sol de aurora ou o cântico vespertal de um melro, e às vezes ameaçador como uma tempestade, às vezes cheio de ódio e medo como os gritos de guerra. Então, o homem inconsciente



Fibras do
cristalino
© Science Photo
Library.

abaixa a cabeça e suspira: “É a vida”. Ele tenta fazer o melhor que pode, até o dia em que, de repente, o cântico da terra que há tempos vibrava nele, alternando entre a alegria e o lamento, é atravessado pelos acordes de uma outra natureza; um toque que perturba e muda de tal modo sua visão de mundo, em que o melro e a guerra já não dão o tom. Experiência prodigiosa que abala as certezas, sem ter nada de angustiante, e é mais como uma melodia inaudível que se anuncia como uma nova canção no limite do audível.

SIMPLES VERDADES?

No princípio era o Verbo – que *ainda* ressoa e é. Em dado momento,

contudo, o homem se desviou de sua influência e separou-se da vibração da origem. Segundo o Gênesis, pelo fato de o homem haver escolhido a árvore do bem e do mal em lugar da Árvore da Vida, o Verbo foi dividido em palavra e contra-palavra, iniciando-se assim um estado de separação. Cada “sim” contém um “não”, cada “a favor” um “contra”. A noção “bem e mal” subentende uma escolha; a unidade do homem e do campo de vida original foi inevitavelmente rompida.

Estas são verdades simples, porém não devemos subestimar seu valor; estamos aqui diante da pedra de construção do Universo assim como ela nos aparece: a oposição. Uma vibração é, por definição, um movimento

duplo, um estado que se cria e se anula incessantemente. Em realidade, percebemos energias que se condensam mediante vibração para formar (aquilo que consideramos) “matéria”. Uma paisagem de altas montanhas, um amanhecer radioso, vós mesmos e o outro, não passam de uma fascinante dança de energias, de vibrações, de ondas, que nos dão a ilusão de uma realidade absoluta.

Sabemos que essas idéias fazem parte de nossa existência cotidiana. Mas a conseqüência é que, aqui em baixo, neste mundo, um “sim” nunca é um verdadeiro “sim”, um “aqui” é ao mesmo tempo transição para “outro lugar”. Existe tão-somente uma idéia, um propósito, ou um ato imaginável que não seja contestado? Até mesmo noções como saúde, riqueza ou felicidade são coisas discutíveis. Diariamente experimentamos: este mundo é feito de contradições e nele nunca deixamos de nos surpreender ou de nos aborrecer. Isso é notável, pois na sabedoria popular não é o homem qualificado de “abismo de contradições”?

Em nada somos diferentes deste mundo, apenas com uma exceção: o Verbo vibra no mais profundo de nosso ser como uma promessa. Porque o Verbo é a Vida mesma, o rio da Vida que nasce eternamente da fonte com a qual ele é uno.

O SIGNIFICADO ESTÁ NA ORIGEM

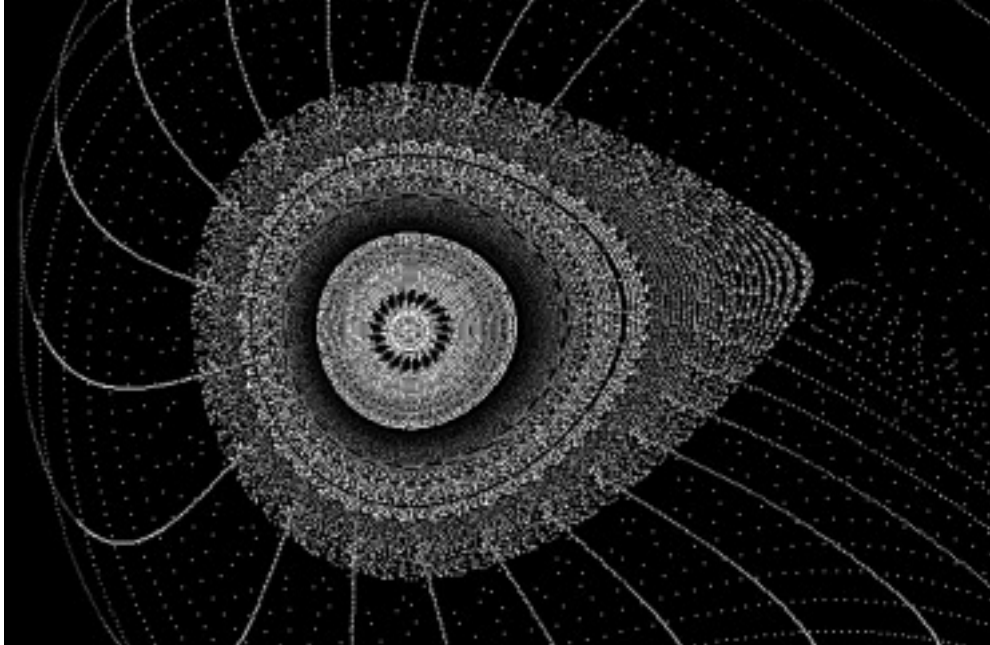
Mas o Verbo não é tão fácil de ser compreendido. O Uno não conhece oposições, enquanto a criação e toda a manifestação somente existem na forma de antagonismos. Até mesmo a própria luz é anunciada pelo evangelista Lucas como “um sinal que será alvo de contradição”². Por isso a revelação começa com luz e trevas, terra e

mar, homem e mulher. A oposição é o único acesso à compreensão intelectual do homem, porque ela é a estrutura fundamental de sua existência terrestre. Tudo o que não obedece a este princípio o desconcerta. Ele vê, ouve, sente o Verbo, pois ele está nele, mas não consegue situá-lo nem exprimi-lo com palavras, por isso ele duvidará. Teria ele imaginado? De onde, então, ele obteve essa imagem?

O homem somente pode conceber a multiplicidade das coisas. Ele não possui o órgão adaptado para compreender conceitos “simples” como unidade, amor, justiça – em seus verdadeiros significados. Ele não possui um corpo ou um sentido com o qual possa reagir a eles. Quando muito, ele pode sentir algo do Absoluto através de formas de arte como a poesia, a pintura ou através do simbolismo.

Na impossibilidade de conceber o ser absoluto, as civilizações de todos os tempos falam de um ser real que chamam de Pai, Tao, Luz, Brahma, Alá, “grande oceano da realidade divina”, sobre o qual flutuaria, como minúscula ilha, nosso mundo terrestre, que nós, contudo, percebemos como um Universo ilimitado. Porque cada pensamento e cada representação que procedem da escolha entre as forças gêmeas da árvore do bem e do mal são, como que por um tipo de lei, incessantemente remetidos de volta a nós mesmos. A ciência moderna confirma: “Nosso mundo está fechado em si mesmo”³.

Trata-se, portanto, de um mundo onde cada sentido, cada orientação, cada motivação decorre da sua *origem* e nela é indefinidamente reabsorvida. A simplicidade do Verbo tornou-se uma diversidade de imagens, consonâncias e percepções que, amplificando-se cada vez mais, desafiam nossa



atenção, forçando-nos a criar sempre mais imagens-sons-estruturas para alcançarmos a compreensão de mundo, que sempre nos escapa. Ou então aumentar sempre a lista de nossas necessidades, queiramos ou não, para que às vezes “ouçamos e vejamos”. “Infelizmente, o mundo se tornou uma selva e não se vê um fim para isso”, escrevia Lao Tse cinco séculos antes de Cristo⁴.

Qualquer valor, aspiração ou ideal que tenhamos é sufocado por nossa preocupação em nos mantermos neste mundo, pela urgente necessidade de termos de “determinar os lugares onde nos encontramos, de ver com o que eles se parecem, de descobrir seus ruídos, seus odores... de encontrar um ponto de apoio para nos sentirmos em segurança” e podermos “viver”. Desta necessidade nasce a educação, um ensinamento padrão adaptado a um grupo escolhido e que determina o que é sensato saber, para o que devemos “abrir os olhos” e a que devemos “dar ouvidos”. O programa educativo é de auxílio inegável – tudo é um auxílio – pelo menos no começo. Ele oferece um ponto de ancoragem e de apoio na sociedade. A voz do indivíduo encontra o seu lugar no grande coral. Mas existe também o reverso da medalha: o

grande coral conhece apenas o cântico da terra. Por mais apreciável que seja, o menu pedagógico está tão-somente a serviço da finalidade de nossos sentidos, sem aos menos levar em conta os sinais inegáveis do “causador da perturbação”, a voz do silêncio. Ele oferece à nossa curiosidade um imenso leque de coisas apaixonantes de se conhecer, mas o “único necessário” está longe de ser prioridade.

ACESSO AO IMATERIAL

Embora o homem, no curso de seu desenvolvimento, tenha se tornado surdo, cego e insensível ao mundo original que um dia ele abandonou, ele continua, contudo, a ser conduzido e nutrido inconscientemente pelo Verbo do início que o envolve, o penetra e o acompanha no caminho da vida, como possibilidade de retorno. De que outro modo ele teria acesso ao abstrato, ao imaterial, à faculdade de pensar e criar?

O pensamento tem necessidade de formar imagens, de fazer uma representação material de todo elemento abstrato, por mais sutil que ele seja, a fim de compreendê-lo e eventualmente transmiti-lo aos outros. Esta limitação

Artist's impression.
Campo magnético do olho:
o olho possui uma radiação!

infligida aos mais nobres ideais ameaça torná-los em “idéias esculpidas”.

Pode acontecer, contudo, que em dado momento, a tensão entre seu mundo ideal e o impulso de uma outra Realidade aumente de tal modo no decorrer das experiências que o homem faça surgir uma centelha que escapa do pensamento-entendimento-razão e provoque um curto-circuito, uma ponte para o intransponível!

Esse curto-circuito, ou melhor, sua conseqüência, tem um nome: fé; palavra difícil de compreender e de utilizar, surgida da necessidade do ser humano que se sabe banido do Oceano da vida original, de para lá retornar, por meio de um ou de outro barco celeste. A obsessão primordial de não perder sua chance vem sendo há muito explorada por todo tipo de instituições e de grupos religiosos, fazendo com isso correr tanto sangue e lágrimas.

A fé verdadeira orienta nossa atenção para o interior e abre dimensões insuspeitadas de nossas faculdades sensoriais. Nos horizontes de nossa consciência se perfila a fria realidade da existência, a árvore do bem e do mal, o sinal enganador de uma vida em que o melro cantor e o brilho do sol em ascensão suscitam uma emoção, mas continuam sendo desta natureza e não dão nenhuma resposta à nostalgia da alma. Através dos véus da ilusão, contudo, a alma capta a vibração de uma mensagem provinda do domínio além da vida e da morte, celebrando a irradiante manhã, a eterna luz. Não em um vago além, mas aqui e agora.

Se, contudo, consideramos a existência como uma aprendizagem, como um caminho de experiência de oposições e de extremos, o Verbo chega até nós de forma mais audível, todas as antenas e as sondas de nosso sistema sensorial se fundem em uma nova

consciência para formar um poderoso ouvido: a alma que percebe.

A fusão de todos os sentidos tem igualmente um nome: iluminação. Tomada de consciência, alinhamento, alegria, manifestando-se em um nível de unidade que não procede do espaço-tempo e no qual nossa existência terrestre não tem qualquer participação. O Verbo restabelece a ligação entre o núcleo do ser, o verdadeiro homem, e a corrente original, o mundo da Luz.

A FÉ CRIA UM NOVO SENTIDO VISUAL

Neste ponto, olhamos à nossa volta com assombro e perplexidade. Ainda não temos uma idéia muito clara do que seja o “tu”. A fé é uma força viva que ultrapassa nossos limites. Ela não exclui o eu, a personalidade, mas dá-lhe o lugar que lhe cabe, nem mais nem menos.

Então o modo como experimentamos – quem ou o que quer que seja – não tem mais nenhuma importância. Passamos de um sentimento de aprisionamento a um sentimento de libertação conforme vivamos da antiga ou da nova personalidade, da antiga ou da nova faculdade pensante.

De início, essa luz salvadora surge como um relâmpago para a consciência. A fé é uma vibração de uma ordem superior devido a um impulso não-terrestre que irrompe como uma cabeça-de-ponte sobre o território do pensamento-razão-entendimento. A fé não se apóia sobre fatos, acontecimentos, raciocínios; não se pode prová-la, mas somente conhecê-la como algo que “é”, sem palavras, sem imagem, além de toda percepção sensorial. Esse instante tão breve e tão indefinível representa o choque decisivo de nosso desenvolvimento interior.

“A fé é uma base sólida para as coisas que ainda não se vêem”⁵. A fé cria um novo sentido visual; ela gera uma visão totalmente diferente. Um “crente” é alguém que conhece uma outra realidade porque a viu e busca o caminho que leva até ela, mobilizando todas as suas forças para esse objetivo.

Compreendemos essa “visão” como uma nova percepção sensorial global muito diferente das faculdades comuns da visão, da audição e da constatação. Trata-se da verdadeira percepção, atenta, que vigia as impressões que penetram nosso sistema. Podemos falar aqui de uma contemplação consciente que exerce um controle crítico, que coloca em constante prova aquilo que é percebido e que ajusta a vibração do Verbo. Esse ajuste possui também um nome: anseio.

CRIAR A REALIDADE E NÃO A ILUSÃO

O anseio abre a uma receptividade que poderíamos definir com a bem conhecida sabedoria popular: “ouvir, ver e calar”. Quando nosso tumulto interior diminui, percebemos, através desse turbilhão sem fim, as formas e as idéias, “o Caminho, a Verdade e a Vida”.

Para nossa razão analítica isso é a soma de tudo o que funciona como canal de informação. Para a alma, é o restabelecimento do contato com o reino original. Quando os dois mundos se fundem, quase já não se trata de percepção, mas sim de “ser” original. O Caminho não é uma escapatória, um caminho de fuga como o da terra, que segue uma curva imprecisa, remetendo-nos sempre a nós mesmos e reforçando nosso aprisionamento. O Caminho do céu conduz à grande reconciliação, à unificação das vibrações terrestres e celestes.

Certamente é bastante assustador para a personalidade, enquanto sistema interativo com o plano terrestre, ter de renunciar a considerar este mundo como o objetivo da existência. Mas à medida que a fé, a voz da nova alma encontra maior eco nela e que sua aspiração se torna precisa, a escolha se torna mais evidente até que não haja mais escolha.

Não devemos nos iludir: a escolha não nos é servida num prato. Enquanto errarmos aqui na superfície da terra ela reclamará seus direitos sobre tudo aquilo que tem para oferecer. É como se duas vozes ressoassem em nós: nossa atenção é atraída tanto pela poderosa voz da terra como pelo murmúrio dos Céus. E assim está tudo bem; a ilusão e a desilusão preparam o acesso para uma nova faculdade sensorial a partir do discernimento entre o sonho e a realidade, pois a existência terrestre é um sonho que deve ser vivido e desmascarado. Permanecendo prisioneiros das oposições, continuamos a oscilar entre esperança e temor, entre o bem e o mal.

Quando adquirimos uma certa serenidade mediante fé e rendição à Luz, a vibração de nossa alma se aproxima da linha “zero”. Diante da visão espiritual se desdobra a corrente do campo de vida original, onde podemos viver. Fundir-se nessa corrente trará conseqüências incalculáveis, como “avançar de força em força e de magnificência em magnificência”.

1. Mikeleitit, E. *Het verborgen Licht* - orelha - Den Haag: Servire, 1963
2. Lucas 2:34
3. Coleman, J. A. *Relativiteitstheorie vor de leek*. Het Spectrum, 1959
4. *Tao Te King*, capítulo 20. Em preparação
5. O evangelho de Tomé, logion 22.

A VISÃO DA ALMA

Inúmeros são aqueles que dizem “ter ouvido Deus falar”. Então Deus fala? Por que Deus fala para certas pessoas e outras não ouvem sua voz? Foi realmente Deus quem falou? Em A voz do silêncio lemos: “Antes que a alma possa ouvir, a imagem tem de se tornar tão surda aos rugidos como aos murmúrios, aos bramidos dos elefantes uivantes como ao argênteo zumbir do pirilampo de ouro”. Este texto não fala sobre ouvir a voz de Deus, mas começa dizendo: “antes que a alma possa ouvir”. Portanto, não é evidente que a alma ouve.

A respeito da faculdade de “ver” da alma *A voz do silêncio* diz, igualmente: “Antes que a alma possa ver, deve ser conseguida a harmonia interior, e os olhos carnis tornados cegos a toda ilusão”².

Quando, no Velho Testamento, Moisés deseja ver a Deus, ele recebe a seguinte resposta: “Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá”³. Também João, no primeiro capítulo de seu evangelho, nos diz: “Deus nunca foi visto por alguém”⁴. Sabemos que Buda evadiu-se dessa problemática, pois quando lhe perguntavam sobre a existência de Deus, ele se calava.

Terminamos, por fim, nossa enumeração com Lao Tse: “Se o Tao pudesse ser definido, ele não seria o eterno Tao. Se o nome pudesse ser pronunciado, não seria o nome eterno”⁵. Do

que precede fica claro, entretanto, que para ouvir a voz de Deus, deve-se ter alcançado um certo nível de desenvolvimento interior.

ANTES QUE A ALMA POSSA OUVIR

No início, a alma somente “ouve” sua própria confusão interior. Ela apenas “percebe” aquilo que atraiu para si mediante seus desejos sob a forma de pensamentos que lhe chegam pela cabeça. Quando se observa uma pessoa no nível etérico, é possível perceber como as nuvens de pensamentos surgem do lado direito do corpo, mais ou menos à altura da cintura, erguem-se acima de sua cabeça, para em seguida descenderem e desaparecerem no lado esquerdo do corpo. Essa circulação se nos apresenta no sentido dos ponteiros do relógio, ao passo que, se observamos esse processo em nós mesmos, o movimento se nos apresenta em sentido contrário. Esses pensamentos que nós mesmos geramos são, em certo sentido, seres viventes e, portanto, têm de ser alimentados. Em outras palavras: eles dependem do éter de luz do cérebro, do qual surgem.

Por sermos criaturas desta natureza terrestre, os pensamentos que produzimos estão necessariamente ligados ao nosso campo de vida não divino. Eles contrastam com a natureza superior, o mundo divino, onde reinam a pureza e o amor.

Ora, poderíamos ser tentados a

Vaso grande com fundo negro, (da *Famille Noire*) datando do período K'ang-ghi (1622-1722). Paris, Museu Guimet.



A principal característica da nova consciência é a “onipresença”, que significa: experimentar e possuir todas as dimensões do cosmo, identificar-se com a manifestação universal, o simultâneo estar em toda parte e também não estar em lugar algum, isto é, “não-ser”. É o que testemunham aqueles que experimentam, pela primeira vez, a sensação da nova consciência. Mergulhar na onipresença; possuir e fazer parte de todas as dimensões do cosmo. Fundir-se na manifestação universal dá e cria uma realidade tão diferente daquela à qual estamos habituados no campo de vida terrestre, que somos inclinados, nessa invasão da universalidade, nessa total integração nela, a negar todo foco de consciência, seja ele qual for. O aluno já não vê nem espaço, nem Logos, nem ordem, nem razão, nem plano, nem criatura, nem aparência! Ele vê somente a Luz – na qual, bem-aventurado, ele se perde –, somente a força com a qual ele se torna uno, um glorioso nada onipresente com o qual ele se identifica sem laços.

Isso, todavia, não é senão uma primeira sensação, a primeira maravilha da nova consciência. É o prelúdio, a alegre entrada do homem celeste na nova Jerusalém. É a emoção do amor no qual o candidato submerge como em um bem-aventurado não-ser. E, então... então o olho de Shiva se abre, o olho de Dangma, o terceiro olho da mitologia, a porta celeste da qual faz menção o Apocalipse. Decididamente esse “olho de Shiva” não está relacionado com a ligação da glândula pineal com a hipófise ativada do corpo dialético, como a união do fogo e da luz, mas é a ligação do poder pensante celestial com o poder pensante dialético tornado imaculado.

E esse olho de Shiva, essa porta para o céu, para o estado imutável da ordem divina, o reino dos céus do qual Paulo fala, torna-se sempre mais claro, abre-se sempre mais amplamente à medida que o aluno consegue demolir seu velho templo para reconstruí-lo em três dias. Que aquele que pode compreender, compreenda!

E, assim que esse olho de Shiva, com um olhar claro e luminoso, contempla o novo mundo, após a ressurreição no terceiro dia – que é como escalar uma montanha – o aluno que se tornou onipresente não se torna esse não-ser místico, um bem-aventurado inebriado de luz, porém ele é e se torna, juntamente com aquele que conduz os céus e a terra, um realizador, um co-herdeiro, um colaborador do plano de Deus, para o mundo e para a humanidade; ele é um membro vivente e consciente do *Corpus Christi*, da hierarquia divina do templo construído sem o som de martelos.

A nova consciência torna o aluno capaz de participar do extraordinário processo de criação e purificação que, por ordem divina, foi começado e continua para todas as criaturas”.

Rijckenborgh, J. v., *O mistério iniciático cristão – Dei gloria intacta*, 3 ed., Jarinu: Rosacruz, 2003.

imaginar que o divino estabelece uma ligação com a natureza superior por meio dos pensamentos. Mas, por mais penetrantes que sejam, nossos pensamentos pertencem a esta natureza, e por isso não podem alcançar a natureza superior. Devemos, portanto, seguir um outro caminho.

A LEMBRANÇA DA NATUREZA SUPERIOR

Nenhum de nós se interessaria por essas coisas se não existisse em nós uma lembrança da natureza superior. De modo geral, essa lembrança se encontra no limite da consciência. Devemos observar que essa pré-memória se origina de um princípio imaterial no coração do homem. Dessa forma, ela não é registrada pelo cérebro, mas fala-se de uma lembrança do coração: podemos observar um certo desassossego que desperta a busca por alguma outra coisa, ou pelo Outro.

Não precisamos, porém, permanecer apenas num estado de vaga lembrança, pois é possível ir mais longe. Com efeito, esse princípio imaterial pode se ligar cada vez mais profundamente, pode ofertar-se cada vez mais à natureza superior. Contudo, não se trata de algo tão simples como acionar um botão e passar de um estado para outro. Não é à-toa que o ensinamento universal fala de “caminho” ou de “percorrer o caminho”, pois este é um processo.

O ANTIGO E O NOVO PENSAMENTO

Para podermos perceber a natureza superior faz-se necessária uma mudança *estrutural* de nosso pensar. Quando o único princípio divino da natureza superior se torna ativo no

coração, ele gera, paulatinamente, uma nova inspiração. Por causa desse pensamento, pela primeira vez, depois de tempos imemoriais, o pensar se estabelecerá sobre novas bases. Pelo pensamento produzido é possível reconhecer o campo de vida com o qual se tem estado ligado. Porque a liberdade de pensamento dificilmente existe. Como nuvens empurradas pelo vento, os pensamentos nunca permanecem parados.

Lao Tse disse: Tende menos egoísmo e menos desejos. Ele preconizava o *não-fazer*, e nós também dizemos: não alimenteis os pensamentos, porque os desejos despertam os pensamentos que, por sua vez, inflamam a vontade, e esta induz aos atos. Ao não alimentar mais os pensamentos suscitados pelos desejos nascidos dos sentidos, cria-se um espaço para um pensamento totalmente renovado, pleno de espírito e vitalidade. Esse novo pensar gera pensamentos que não podem ser produzidos pelo antigo pensar. Isto ilustra a metáfora, tirada do Novo Testamento: “Ninguém põe vinho novo em odres velhos; de outra sorte, o vinho novo romperá os odres e entornar-se-á... mas o vinho novo deve ser posto em odres novos”⁶.

A pré-memória, essa vaga lembrança de nosso estado original imaterial, que representa um papel tão notável na atividade do coração do homem, é a instigadora do novo pensar. Da natureza superior fluem, então, novas e puras forças que fazem que o homem abandone seus velhos esquemas e comece a pensar de modo original e inesperado! No princípio, dificilmente isso é percebido. Às vezes não passa de um flash, de um clarão do pensamento, que estimula a vontade a se engajar no caminho da libertação. Mas, vemos pouco desse



“Tu não poderás ver a minha face, pois o homem não pode Me ver e viver.”
Foto © Pentagrama.

novo pensamento, pois a consciência ainda não está suficientemente alerta.

A VOZ DE DEUS

“Então o olho de Shiva se abre... é a ligação do poder pensante celestial com o poder pensante dialético.” Essa nova faculdade pensante é uma faculdade de percepção. Podemos agora responder à questão de saber como “Deus fala ao homem”: é como um chamado lançado a partir da rea-

lidade invisível e que ressoa através da natureza terrestre. O princípio imaterial no coração percebe esse clamor. É o chamado para trilhar o caminho da libertação.

Imaginar que Deus fala ao homem a fim de instruí-lo não passa de pura invenção da personalidade racional e de suas idéias primárias. Quando, no início das *Núpcias alquímicas*, a natureza superior “fala” a Cristiano Rosacruz, não se trata de uma palavra audível: “...repentinamente se desen-

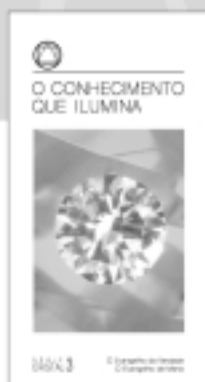
cadeou vento tão terrível... alguém tocou-me as costas... Todavia, ao ser puxado pelo casaco repetidas vezes, volvi-me. Vi, então, maravilhosa figura feminina... Tão logo me volvi, buscou entre suas cartas, extraindo dentre elas uma pequena, que colocou sobre a mesa com profunda reverência, retirando-se de minha presença sem dizer sequer uma palavra”⁷.

No início do caminho, ninguém fala a Cristiano Rosacruz, pois ele não estaria em condição de compreender, embora os sinais da natureza superior lhe falem claramente. Do mesmo modo, o buscador, em quem a nova capacidade intelectual ainda não está desperta, e que freqüentemente é descrito como “candidato”, é primeiramente “tomado pelas mãos”.

FONTES:

1. Blavatsky, H.P. *A voz do silêncio*. São Paulo: Pensamento, 1991.
2. Idem.
3. Êxodo 33:20.
4. João 1:18.
5. Rijckenborgh, J. v. De Petri, Catharose. *A Gnosis chinesa* – em preparação.
6. Lucas 5:37-38.
7. Rijckenborgh, J. v. *As núpcias alquímicas de C.R.C.* São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1993, 2v.

O CONHECIMENTO
QUE ILUMINA



O CONHECIMENTO QUE ILUMINA

Terceiro volume da série Cristal, traz *O Evangelho da Verdade*, que faz parte dos achados de Nag Hammadi (1945) e *O Evangelho de Maria*, que é o primeiro dos quatro escritos do Códice de Berlim, descobertos no Egito em 1896.

O Evangelho da Verdade nos deixa ver como a Gnosis pode religar os homens ao Conhecimento perdido e, assim, libertá-los e unificá-los novamente com Deus.

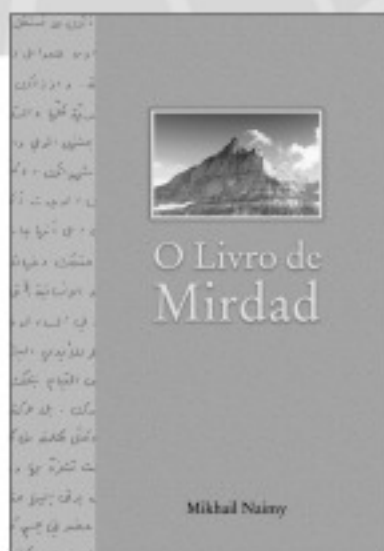
O Evangelho de Maria nos mostra a luta interior dos homens que seguem o caminho gnóstico de libertação: a luta entre o eu comum e a alma renascida que, voltando-se para a Pátria original, anseia chegar à libertação derradeira.


EDITORA
Rosacruz

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13 240 000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel (11) 4016.1718 – fax 4016.3638
www.editorarosacruz.com.br – info@editorarosacruz.com.br

1ª ed. dez. 2025 – 80 pgs.

ISBN 85-88950-19-7



O LIVRO DE MIRDAD

UM FAROL E UM REFÚGIO

Mikhail Naimy

Lendas são histórias contadas pelas batidas do coração. Ao emprestar seu ritmo à inspiração, ele nos eleva para além da razão humana, para um local onde se encontram livros como o de Mirdad.

Suas páginas brotaram do Livro do Gênese, flutuaram na imaginação de Naimy até que, certo dia, aportaram em nossa vida em 1948, data de sua primeira edição.

Incontáveis foram os leitores que, ao serem tocados em seu íntimo por essa história, se viram arrebatados para o alto do Pico do Altar, esse lugar mágico onde o tempo é o eterno presente.

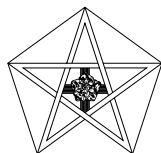
O Livro de Mirdad foi publicado para que possa dar, a cada página, testemunho de sua vocação inequívoca: ser farol para todos os que se sentem perdidos no mar da vida e estão em busca de um porto seguro.



EDITORA
Rosacruz

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13 240 000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel (11) 4016.1718 – fax 4016.5638
www.editorarosacruz.com.br – info@editorarosacruz.com.br

9ª ed. dez. 2005 – rev. e cor. – 288 pgs.
ISBN 85-88950-19-7



*Deixemos, por fim, a última palavra a Hermes:
“Se não te fazes igual a Deus, não podes compreendê-lo:
porque só o semelhante compreende o semelhante.
Cresce e eleva-te a uma grandeza incomensurável,
ultrapassa todos os corpos, vai além de todo o tempo;
torna-te eternidade. Então compreenderás a Deus.
Compenetra-te do pensamento de que nada é impossível
para ti, considera-te como imortal e em condições
de tudo compreender, toda a arte, toda a ciência,
a natureza de tudo o que vive”.*

(Com a medida com que medis, p.19)